

*Poppe*



# atos

**do conselho geral**

ano LXXI — janeiro-março, 1990

**n. 332**

**órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
congregação salesiana**

ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO



# atos

do conselho geral  
da sociedade salesiana  
de São João Bosco

---

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**n. 332**  
ano **LXXI**  
janeiro-março  
1990

---

1. CARTA DO REITOR-MOR	Pe. Egidio Viganó Pe. Filipe Rinaldi fiel testemunha e intérprete do "espírito salesiano ..	3
------------------------	--	---

---

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	Não há neste número	
-----------------------------	---------------------	--

---

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número	
-------------------------	---------------------	--

---

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor ..	54
	4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais ..	54

---

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Novos bispos salesianos .	64
	5.2. Notícias sobre a preparação do CG23 ..	65
	5.3. Inauguração do ISCOS na UPS ..	66
	5.4. Irmãos falecidos ..	72

**Tradução:**

**Pe. Ervino Martinuz**

**Editora Salesiana Dom Bosco**

**Rua Dom Bosco, 441**

**03105 — São Paulo — SP**

**Tel.: (011) 277-3211**

**Telex: (011) 32.431 ESPS BR**

# 1. CARTA DO REITOR-MOR

---

## **Pe. FILIPE RINALDI FIEL TESTEMUNHA E INTÉRPRETE DO “ESPÍRITO SALESIANO”**

A beatificação do Pe. Rinaldi — O percurso da causa — O significado que tem, para nós, este acontecimento — O percurso da existência do Pe. Filipe — No ápice, na primeira metade do primeiro século salesiano — A sua admirável coragem — Cultor de “salesianidade” — Autorizado intérprete da nossa interioridade apostólica — Protótipo de “bondade pastoral” com sua paternidade — Intercessor e guia para toda a Família Salesiana — Testemunha da vital mensagem de “Dom Bosco-Modelo”.

Roma, 5 de dezembro de 1989  
58.º aniversário da morte  
do novo Bem-aventurado.

*Queridos irmãos,*

enquanto nos preparamos com intensidade de oração e de estudo para celebrar o próximo CG23 convidamos a concentrar a atenção sobre o testemunho de “espírito salesiano” do terceiro sucessor de Dom Bosco, Pe. Filipe Rinaldi. A sua figura histórica, a sua constante relação com o patrimônio vivo de Dom Bosco e a sua relevante incidência sobre o desenvolvimento da Família Salesiana, oferecerão preciosas luzes sobre os importantes trabalhos capitulares, mas também sobre todo o crescente processo da nossa renovação na Igreja.

Escrevo-lhes no 58.º aniversário de sua morte (5 de dezembro de 1931) enquanto estamos esperando que seja marcada a data da Beatificação. Já estão sendo concluídos junto à Congregação para as Causas dos Santos os vários processos; na prática só falta a decisão final do Santo Padre.

Naturalmente não é ainda possível apresentar agora datas definitivas, mas pode-se pensar com fundada previsão que a Beatificação poderá acontecer no primeiro semestre de 1990.

Qualquer que seja a data, é minha convicção que será para nós um acontecimento de ressonância espiritual. Fiquei pessoalmente convencido disto nos contatos que mantive com os mem-

bros dos vários Grupos da nossa Família em diferentes partes do mundo. Há mais de meio século de sua morte vê-se *engrandecida* sua figura: espera-se um especial estímulo de autenticidade vocacional através do reconhecimento oficial da sua santidade.

### O percurso da Causa

Acredito interessará a todos conhecer um breve resumo das etapas pelas quais passou a Causa do Pe. Rinaldi: é um convite para agradecer juntos a Providência pelo grande dom que nos preparamos para receber.

Quando o Pe. Rinaldi faleceu, a 5 de dezembro de 1931, já difundira-se a fama da sua santidade e poucos anos depois foi-se pedindo para dar início aos Processos necessários. O Conselho geral da época preferiu esperar; o Reitor-Mor, Pe. Pedro Ricaldone, assim se expressou: “Deixemo-nos guiar por Deus, se Ele quiser glorificar o seu Servo no-lo demonstrará de maneira inequívoca”<sup>1</sup>. Era o mesmo que pedir um sinal do céu. Este veio pouco depois através de uma resposta: a cura milagrosa da Irmã Carla De Noni, da Congregação da Paixão de N.S.J.C. em Villanova de Mondoví.

A Irmã fora gravissimamente ferida na boca por uma bala de metralhadora durante o bombardeamento aéreo de 20 de abril de 1945. Foi-lhe arrancado na hora o queixo com todos os dentes inferiores deixando a língua solta sobre o peito e cortando todas as funções da boca, a voz, a mastigação e a deglutição; todos acreditaram numa morte iminente.

A Superiora Fundadora do Instituto — madre Maria Lazzari, morta em conceito de santidade — fora orientada espiritualmente, durante vinte e cinco anos, quando professora de letras nas escolas públicas de Turim, pelo Pe. Rinaldi; portanto convidou toda a comunidade a implorar sua intercessão. Foi colocado sobre a ferida da irmã um lenço do Pe. Rinaldi; ela sentiu uma certa melhora, mas por quase cinquenta dias ficou imóvel, sem poder pronunciar uma só palavra e sem poder ingerir nada. Enquanto se intensificaram as orações, poucos dias antes da festa de S. Pedro

---

<sup>1</sup> Summarium da Positio super virtutibus 1985 (em seguida citar-se-á: Summarium) p. 266, n. 927.

(junho de 1945) a Irmã Carla improvisamente despertou de um ligeiro sono, pela primeira vez levantou-se sozinha, começou a falar normalmente, a comer e a deglutir; a língua tinha voltado ao seu lugar natural, o osso do queixo ficou reconstituído e todas as funções da boca voltaram à normalidade. No dia de S. Pedro a Irmã dava aula de canto às meninas da localidade.

O fato teve vasta repercussão e os Superiores decidiram imediatamente que fosse iniciado o Processo ordinário para introduzir a Causa junto à cúria arquidiocesana de Turim (1948-1953), enquanto junto à cúria diocesana de Mondoví pensou-se ao Processo ordinário para o milagre (1948-1949).

O estudo posterior sobre as virtudes heróicas do Pe. Rinaldi por parte da Congregação das Causas dos Santos em Roma foi caminhando devagar também pelo número relevante de candidatos a serem examinados. Somente no dia 3 de janeiro de 1987, na presença do Papa João Paulo II, foi lido o decreto que reconhecia a heroicidade das suas virtudes. O juízo dos teólogos consultores e dos cardeais foi unânime com expressões de peculiar estima.

Faltava examinar o milagre. O correspondente Processo de Mondoví foi totalmente positivo e as radiografias do caso tinham sido enviadas logo em seguida para Roma ao Procurador da fé. Infelizmente — depois de tantos anos — não puderam ser encontradas nos arquivos da Congregação das Causas dos Santos. Por falta destes elementos de prova, os médicos legistas — em um primeiro encontro — deixaram de dar um juízo positivo. Por sorte a agraciada, Irmã Carla De Noni, vive ainda e pode se apresentar para novos exames.

As dificuldades encontradas pelos médicos puderam ser superadas recorrendo às modernas técnicas científicas: ao TAC (tomografia axial computadorizada), à RM (ressonância magnética) e à “sirognatografia”. Na consulta médica foram chamados bons especialistas maxilofaciais, tratando-se exatamente de um caso inerente à sua especialização científica.

Os resultados dos minuciosos exames levaram a junta dos médicos legistas (a 17 de junho de 1989) a declarar — com juízo unânime e com provas por eles consideradas indiscutíveis — que essa cura não podia ser explicada naturalmente.

Aqui merece um louvor o nosso Postulador Pe. Luís Fiora, pela constância e a inteligência com que se dedicou na solução das várias dificuldades.

Depois do juízo positivo dos médicos legistas, o milagre foi reconhecido unanimemente pelos teólogos consultores no dia 13 de outubro de 1989; prevê-se que a sentença dos teólogos e dos médicos será aprovada pela Congregação dos Cardeais no próximo 19 de dezembro de 1989. Em data posterior será feita a leitura do decreto sobre o milagre na presença do Sumo Pontífice, a quem compete exclusivamente dar continuidade à beatificação e fixar a data.

### **O significado que tem para nós este acontecimento**

Algum tempo atrás, quando se estava preparando o centenário da morte de Dom Bosco, nós desejávamos que a beatificação do Pe. Rinaldi pudesse ser incluída nas celebrações do DB88. Agora podemos também pensar que o atraso deste acontecimento tenha sido providencial.

Antes de tudo, na próxima data, a atenção de toda a Família Salesiana poderá concentrar-se melhor na figura do novo Bem-aventurado para colher com maior proveito a mensagem profética; em 1988 teria ficado um pouco na sombra.

Em vida ele soubera recobrir com um pesado manto de humildade um conjunto de riquezas espirituais, de criatividade apostólica, de audazes iniciativas, de adaptação aos tempos, de intuição e até de desenvolvimento do carisma; a sua beatificação agora pode ser considerada quase como o reflexo mais bonito e significativo do 88, que desvendará a todos o quanto Deus quis dar à nossa Família na pessoa do terceiro sucessor de Dom Bosco.

O fato, ainda, de a beatificação acontecer na proximidade dos dois Capítulos Gerais de 1990 (o nosso e aquele das Filhas de Maria Auxiliadora) — que terão lugar num momento particular da nossa renovação (depois de um sexênio da aprovação apostólica das Regras reelaboradas) —, nos oferece a extraordinária possibilidade de enfrentar a delicada problemática da educação dos jovens à fé com o coração e o dinamismo de uma maior fidelidade ao espírito salesiano. A garantia da santidade do Pe. Rinaldi poderá influir beneficentemente sobre os capitulares.

Além do mais teremos todos, com as Voluntárias de Dom Bosco, a oportunidade para considerar com maior atenção os

mais amplos horizontes da fecundidade do espírito salesiano *no século*, em favor de tantos fiéis leigos da nossa Família.

Existe, nesta beatificação, algo a mais, um suplemento de significado, que a torna sobremaneira importante. A beatificação de um nosso irmão ou irmã foi sempre preciosa e iluminante; ajuda-nos de fato a valorizar e amar melhor a vocação salesiana e a sublinhar alguns aspectos. Esta do Pe. Rinaldi, porém, guarda um significado eminente e de particular atualidade para a identidade do nosso carisma *na sua globalidade*: apresenta-nos o terceiro sucessor de Dom Bosco *como defensor e revelador* do segredo do “espírito salesiano”, para animação e *guia de toda a nossa Família*: ele indica claramente *a cada Grupo o vínculo comum* que nos une a ela.

A sua vida é a mais bonita resposta àquela superficialidade espiritual que nos ameaça hoje.

Além de conservar e guardar, interpretou, explicou e aumentou a vitalidade de todo o patrimônio recebido.

Falou-se dele que foi “lâmpada de múltiplas luzes”: ajudar-nos-á atravessar com passo seguro a escura região da delicada passagem deste final de século.

Gostaria de convidá-los a refletir sobre alguns aspectos mais característicos sem a pretensão de esgotá-los.

## O percurso da existência do Pe. Filipe

Os anos de vida do Pe. Filipe Rinaldi foram 75: de 28 de maio de 1858 (Lu Monferrato) a 5 de dezembro de 1931 (Turim-Valdocco). O encontro com Dom Bosco deu estrutura e significado a toda a sua vida.

Na peculiar história da vocação do jovem Filipe notam-se circunstâncias que superam o caminho vocacional ordinário e fazem pensar a uma intervenção especial da Providência. Eugênio Céria, seu primeiro biógrafo, afirma explicitamente: “é um caso mais único do que raro, aliás o único que se tenha conhecimento. ‘Depois dos fatos’ tem-se razão em dizer: ‘a mão de Deus está aqui’”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> E. CERIA, Vita del Servo di Dio sac. Filippo Rinaldi, SEI, Torino, p. 38.

Dom Bosco encontrou e confessou Filipe adolescente no colégio recém aberto de Mirabello Monferrato, perto de Lu, a 9 de julho de 1867; e a partir daquele momento nunca o perdeu de vista. Apesar que o garoto, por uma injusta grosseria recebida de um assistente, tivesse deixado o colégio antes do tempo, o bom pai aproveitava toda oportunidade para mandar-lhe saudações, pedia que escrevesse, e o convidou muitas vezes a voltar.

Pode ter acontecido que na única conversa, Dom Bosco lhe tenha indicado o caminho do sacerdócio, ao qual o garoto não se sentia inclinado, achando que não tinha as qualidades, sentindo-se até indigno. E assim o impasse continuou por quase década: “religioso, sim; sacerdote, não”.

Finalmente aos 21 anos, num novo encontro provocado por Dom Bosco no colégio de Borgo San Martino a 22 de novembro de 1877, declarou-se disponível e aceitou se unir à original comunidade dos *Filhos de Maria* (vocações adultas), aberta com dificuldades por Dom Bosco em Sampierdarena: era diretor o Pe. Paulo Albera, que Filipe encontrara clérigo assistente em Mirabello e do qual tornara-se amigo.

Muitos anos depois, numa nota íntima do diário lembrando aquele dia, assim se expressava com humildade: “Façam Deus e Maria SS. que, depois de ter resistido tanto à graça no passado, não mais abuse no futuro. Sim, ó Mãe minha SS., antes a morte do que não corresponder à minha vocação. Fazei que com o presente e com o futuro repare o passado”<sup>3</sup>.

Depois de vários anos em que completou os estudos o mais rápido possível, em 1879-1880 pode fazer o noviciado em San Benigno, tendo como mestre o Pe. Júlio Barberis.

Nos seus sucessivos passos em direção ao ministério sacerdotal encontramos novamente a intervenção extraordinária de Dom Bosco que o seguia com um interesse à primeira vista inexplicável e que o orientou com autoridade paterna e convicta para as várias etapas das ordenações; assim no dia 23 de dezembro de 1882 tornou-se finalmente presbítero. “Foi Dom Bosco — confessou ele — quem me indicou o caminho, quem mandou-me receber as sagradas ordenações sem que eu fizesse aceno e pedido a ele ou a outros”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> CERIA, o.c., p. 24.

<sup>4</sup> Summarium, p. 548, doc. XIV.

Podemo-nos perguntar por este método inusitado? O que movia a excepcionalidade e a segurança no agir de Dom Bosco? Verdaderamente na história vocacional de Filipe Rinaldi e no agir de Dom Bosco, durante todo o tempo em que eles tiveram um relacionamento pessoal, houve algo de singular que foge a um simples olhar exterior, mas que levou o Pe. Rinaldi a uma meta bem definida, que é, a nossos olhos, claramente providencial.

Ele mesmo o confessou mais tarde com convicta sinceridade; declarou, de fato, aos Superiores maiores (convidando-os a não falar disso durante a sua vida) que duas vezes — em Mirabello e Borgo San Martino — vira o rosto de Dom Bosco irradiando uma luz viva, mais viva daquela solar (e também mais tarde, uma terceira vez por volta de 1886)<sup>5</sup>.

Quando faltavam nove meses para a ordenação sacerdotal, aos 27 anos, Dom Bosco nomeou-o diretor da obra dos “Filhos de Maria”, transferida de Sampierdarena a Mathi (por um ano) e depois para Turim-S. João Evangelista. O jovem diretor teve o privilégio de ir toda semana relatar o andamento da casa a Dom Bosco já de idade e a se confessar com ele; foi convidado algumas vezes também às reuniões do Conselho geral (então “Capítulo superior”). Mereceu portanto uma extraordinária confiança por parte do Fundador exatamente nos últimos anos, dolorosos mas lúcidos, da sua velhice. Certo dia pedira ao bom pai de poder ir para as missões: “respondeu-me — afirmou ele mesmo aos irmãos da sua comunidade — que não teria ido para as missões; que teria ficado aqui para mandar outros. Depois acrescentou-me outras coisas que não direi nem a vós nem a qualquer outro”<sup>6</sup>.

Considerando este especial relacionamento do Pe. Rinaldi com Dom Bosco, é natural e espontâneo pensar às graças extraordinárias com as quais Deus acompanha a obra de um Fundador. Também em relação às várias pessoas perto de Dom Bosco, nas primeiras origens salesianas, há circunstâncias que não se explicam humanamente. Pensemos à ação decisiva de S. José Cafasso, àquela do Papa Pio IX, ao encontro e formação de determinados jovens, por exemplo, Miguel Rua, João Cagliero, Paulo Albera e depois Maria Domingas Mazzarello, para não falar de outros. Estamos diante de uma constelação de diferenciados colaboradores entre os quais hoje podemos incluir, a seu modo, também

<sup>5</sup> Cf. CERIA, o.c., p. 23.

<sup>6</sup> Ib. p. 46.

Filipe Rinaldi, vendo a obra por ele desenvolvida para a permanência da herança do Fundador.

Pouco depois da morte de Dom Bosco, o Pe. Rinaldi foi mandado (outubro de 1889) como Diretor de Sarriá na Espanha, onde conheceu durante vários anos a senhora Dorotea Chopitea, viúva Serra, insigne e santa cooperadora. No verão de 1892 foi nomeado Inspetor da península ibérica; e ficou neste cargo durante uma dezena de anos com surpresa e a admiração de todos, dentro e fora da Congregação.

Em 1901 o Pe. Rua chamou a colaborar estritamente com ele no cargo de Prefeito geral, ou seja, de “Vigário” do Reitor-Mor: tinha 45 anos. Deve-se assinalar que até 1923 era competência do Prefeito dirigir também a administração central. O Pe. Rinaldi desempenhou esta tarefa, antes com o Pe. Rua e depois com o Pe. Álbera até 1922. Por duas vezes, durante estes vinte anos, fez as vezes do Reitor-Mor falecido.

Em uma sua carta, sem data, escreveu (provavelmente depois da morte do Pe. Álbera): “Agora peço ao Capítulo para eleger um Prefeito jovem. Este é um cargo que exige muita atividade e trabalho. Quando alguém fica velho é difícil agüentar toda a responsabilidade de um Prefeito geral dos Salesianos. O cargo foi criado tal e qual por Dom Bosco e não deve mudar. Na minha idade entregaram as armas o Pe. Alasonatti, o Pe. Rua, o Pe. Durando, o Pe. Belmonte e isto na época em que a Congregação não tinha o trabalho complexo que exige hoje. Pode-se acrescentar que com um Reitor novo pede-se um homem novo que se adapte facilmente às novas aspirações e necessidades pessoais. Pode-se acrescentar que temos necessidade que no Capítulo (ou seja, no Conselho geral) entrem jovens aos quais uniremos se o quereis o nosso conselho”<sup>7</sup>.

No CG XII, a 24 de abril de 1922, foi no entanto eleito Reitor-Mor: tinha 66 anos. Ficou no cargo até o final de 1931.

## **No ápice, na metade do primeiro século salesiano**

Mas é útil apresentar brevemente os anos de alta responsabilidade do Pe. Rinaldi durante os primeiros decênios do século

---

<sup>7</sup> ACS, 9.132. Rinaldi.

em sua atividade no Conselho geral. Durante quase trinta anos ele esteve no ápice da vida salesiana, sobretudo de 1922 a 1931 como 3.º sucessor de Dom Bosco, quando iniciava uma “nova época” — como dizia ele — da vida salesiana.

Procurando interpretar a sua missão histórica podemos pensar legitimamente que ele desempenhou uma atividade de peculiar importância; e de alguma maneira teve consciência disso. Assim escrevia alguns meses antes de morrer: “Parece-me que já faz um bom tempo que Dom Bosco está me repetindo: apressa-te e não te canses em dizer aos meus filhos, agora confiados aos teus cuidados, as coisas que pratiquei e ensinei para serem verdadeiros salesianos de acordo com o modelo que me foi apontado pelo alto para ensinamento da nossa Sociedade”<sup>8</sup>.

É significativo ler em sua circular de 1925 algumas afirmações que fazem ressoar aos nossos ouvidos o famoso texto do evangelista João onde fala daquilo que “nós ouvimos, que vimos com os nossos olhos, que contemplamos, que tocamos com as nossas mãos”<sup>9</sup>; escreve, de fato, aos irmãos de “ter tido a sorte de tratar familiarmente com Dom Bosco vários anos, durante os quais, podemos dizer, respiramos a santidade do olhar, das palavras e das ações também mínimas;... e a sua voz carinhosa, inesquecível, pronunciava a palavra que, modificando completamente os nossos precedentes ideais, unia a ele indissolivelmente todo o nosso futuro”<sup>10</sup>.

Para compreender melhor a figura do Pe. Rinaldi, devemos pensar, também se rapidamente, no contexto ambiental daqueles anos. É um ambiente cultural que precede de quase um decênio o segundo grande conflito mundial (1939-1945), que traria tantas mudanças; no ambiente eclesial o contexto caracterizava-se por modalidades e estruturas eclesiais ainda longe do Concílio Vaticano II.

Podemos lembrar rapidamente alguns elementos: a problemática da questão social, a delicada crise modernista, as batalhas coloniais, as oscilações dos valores econômicos, o flagelo da primeira guerra mundial (1914-1918), a promulgação do Código de Direito Canônico (27 de maio de 1917), o surgimento das ideolo-

<sup>8</sup> ACS, 26 de abril de 1931, n. 56, p. 933.

<sup>9</sup> Cf. 1Jo 1,1.

<sup>10</sup> ACS, 24 de fevereiro de 1925, n. 28, pp. 344-345.

gias e dos nacionalismos, as lutas políticas, o lento despertar dos católicos no campo social, a crise dos partidos, a suspirada realização dos pactos lateranenses com a concordata entre Igreja e Estado italiano (1929) e, finalmente, o perigoso despertar dos totalitarismos.

Em relação à vida salesiana influenciaram fortemente os seguintes fatos: em primeiro lugar o decreto de 24 de abril de 1901 sobre o Diretor-confessor, que tanto fez sofrer na Congregação; depois as famosas “Normae secundum quas” para a autonomia do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1901); e mais, durante vários anos, a primeira guerra mundial que convocou às armas uns 2.000 irmãos (ou seja, quase a metade de todo o pessoal de então); depois a gradual elaboração — através de vários Capítulos Gerais — de uma mais detalhada regulamentação da vida da Congregação, com a reestruturação completa das Constituições conforme o novo Código de direito canônico publicado um pouco antes de seu reitorado.

A isto é preciso acrescentar, após a primeira guerra mundial, a entrada de numerosas vocações e a necessidade de formá-las adequadamente.

O Pe. Rinaldi, ainda, entre 1922 e 1932, teve a sorte de presidir vários jubileus de ouro que lhe serviram para concentrar a atenção sobre elementos vitais da vida salesiana; as suas circulares lembram vários deles; podemos indicar alguns: tratava-se de meditar sobre 50 anos de memória e de formular propósitos! Assim por exemplo, o jubileu da fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1922), o da aprovação das Constituições (1924), o das Missões (1925), aquele da Obra de Maria Auxiliadora (1926), o dos Cooperadores (1926), aquele do sonho da personagem dos dez diamantes (1931) ao qual o Pe. Rinaldi deu especial importância<sup>11</sup> e também o centenário do sonho dos 9 anos que se calculava ter acontecido em 1825 e cujo significado ele desejava estivesse no centro das reflexões salesianas porque encerrava como numa semente o espírito das mesmas Constituições<sup>12</sup>.

Acrescentemos a estes eventos duas importantes beatificações: a do Pe. José Cafasso (1925); e, sobretudo, a de Dom Bosco

---

<sup>11</sup> ACS, abril-junho, 1981, n. 300.

<sup>12</sup> Cf. ACS, 24 de janeiro de 1924, n. 23; e 24 de outubro de 1924, n. 26.

(1929). Os dois bem-aventurados tinham sido amigos íntimos durante uns vinte anos, dois santos eminentes, mas duas santidades com duas missões diferentes: um reservado e voltado para a formação do clero, o outro com grande criatividade apostólica e voltado à educação cristã da juventude necessitada e das classes populares<sup>13</sup>.

À luz destes breves tópicos sobre o contexto de sua vida de Superior vemos hoje que o Pe. Rinaldi está inserido com perspectiva de alto nível na história da Família Salesiana e com particular destaque. Nos anos do seu reitorado atuava-se aos poucos a passagem para as novas gerações que não tinham conhecido o Fundador e que, portanto, não tinham recebido dele, em contato direto, a formação salesiana. No entanto tinham que assimilar, guardar e desenvolver a herança de Dom Bosco.

O Pe. Rua fora quem guardara fidelissimamente e soubera evitar com sabedoria e coragem os riscos que alguns (fora da Congregação e na cúpula da Igreja) previam depois da morte do Fundador. Porém, apesar da obra de grande valor do primeiro sucessor, os tempos mudavam e nasciam novos desafios.

O patrimônio salesiano devia conservar a sua genuidade e, na passagem para as novas gerações, era necessário um mediador sólida e atraentemente ligado a Dom Bosco. Devia-se também prevenir os perigos que podiam surgir da expansão própria da Família Salesiana e do seu encontro com culturas cada vez mais diferentes. Os tempos exigiam a capacidade de desenvolver as riquezas contidas no carisma do Fundador, do qual algumas sementes não tinham conseguido ainda manifestar-se completamente no primeiro desenvolvimento.

Deviam-se depois consolidar as estruturas que se tornavam necessariamente mais complexas sem que sufocassem a autenticidade e a simplicidade do espírito. Apresentava-se em particular o vasto problema da formação, destinando a ela um número crescente de homens, especificamente qualificados e fiéis, e abrindo para isso centros válidos de formação e de estudo.

Para esta passagem de geração deram sua contribuição não poucos irmãos eminentes por intensidade espiritual e ardor apostólico; nunca faltaram homens de louvável caráter; por outro

<sup>13</sup> Cf. ACS, 24 de abril de 1925, n. 29.

lado, apesar dos defeitos, a Congregação nunca foi, até então, vítima de graves crises. Entre os beneméritos, porém, parece-me poder afirmar que não se vê outro que tenha tido a importância, a eficácia e o papel histórico do Pe. Rinaldi.

Ele, além de ter tido um relacionamento muito estreito com Dom Bosco, colaborara diretamente com o Pe. Rua e com o Pe. Álbera durante uns vinte anos; ambos deixaram à sua responsabilidade pessoal tantas tarefas entre as mais difíceis e mais delicadas, que lhe permitiram adquirir uma vasta experiência, pode-se dizer, em todos os setores da vida salesiana. Também com humildade, bondade e simplicidade, ele esteve no vértice da Congregação numa hora de mudança e guiou sua segura afirmação na Igreja. Conquistou os irmãos irradiando uma santidade que reproduzia os elementos essenciais e característicos daquela de Dom Bosco: a interioridade apostólica, o dinamismo pastoral, a bondade fraterna. Fez reviver verdadeiramente diante de todos a figura do Pai ao ponto de ser definido “imagem viva” dele; ou, como afirmou o Pe. João Batista Francésia: “faltava-lhe de Dom Bosco só a voz, todo o resto já tinha”<sup>14</sup>.

A delicada reelaboração do texto da Regra de vida, depois do Código de 1917, levou-o a fazer refletir os irmãos sobre a estreita ligação que ela tem com a herança do Fundador. Ele mesmo falou disso no cinquentenário da aprovação das Constituições. Olhando à reelaboração do texto (apesar de ter sido mais jurídico) insiste sobre a mediação qualificada que as Constituições têm como portadoras do espírito do Fundador: “são a alma da nossa Sociedade, e esta foi a alma de toda a vida de Dom Bosco; portanto a história delas está toda na vida dele... que escreveu seus artigos antes no íntimo e na vida daqueles que escolhera para seus filhos... As nossas Constituições, modificando de quando em quando as cores das linhas secundárias, não só perderão a tonalidade primitiva, mas tornar-se-ão cada vez mais fecundas de bem”<sup>15</sup>.

É verdade, escrevera um ano antes numa outra circular, que as nossas Constituições “tiveram que sofrer com o tempo diferentes variações, ou sugeridas pelas Congregações romanas, ou exigidas pelo desenvolvimento da Pia Sociedade, ou impostas

<sup>14</sup> CERIA, o.c., Premessa, p. 5.

<sup>15</sup> ACS, 24 de janeiro de 1924, n. 23, p. 177-187.

pelas leis positivas da Igreja... Esta elasticidade de adaptação a todas as formas de bem que continuamente surgem no seio da humanidade, *é o espírito próprio das nossas Constituições...* O salesiano que as observa pontualmente, torna-se, sem quase perceber, um outro Dom Bosco”<sup>16</sup>. Elas “substancialmente são as mesmas de antes”, “são animadas por um sopro daquela vitalidade que emana do santo Evangelho, que, exatamente por isso, pertence a todos os tempos e é sempre rico de novas fontes de vida”<sup>17</sup>.

Insistia também sobre a recomendação de considerar com atenção as cartas circulares do Pe. Rua e do Pe. Albera (estávamos em 1923) para uma correta interpretação do espírito; e escrevia: “No Rodriguez — que era então o texto mais utilizado na leitura espiritual comunitária —, encontramos muitas vezes unidas aos ótimos conselhos, muitas coisas que para nós não tem importância. Por que não ler as nossas coisas, escritas com tanto puro afeto e simplicidade pelos nossos Padres?”<sup>18</sup>.

Era o grande vigia do verdadeiro “espírito salesiano”; percebia estar nele a vitalidade do futuro; portanto preocupou-se em aprofundá-lo, comentá-lo e fazê-lo estudar e documentar, assegurando assim a plataforma de lançamento para o grande impulso na direção da maturidade de toda a nossa Família.

## A sua admirável dinamicidade

O terceiro Sucessor de Dom Bosco é pouco conhecido entre nós. Ao menos para mim foi uma espécie de descoberta o dedicar-me a ler e a refletir sobre a sua vida e sobre as suas atividades. Parece-me conveniente indicar, num primeiro momento, o volume e a importância das suas atividades, para depois aprofundar melhor a sua mensagem.

Havia a necessidade de guardar e guiar um carisma, digamos assim, “adolescente” em pleno desenvolvimento; era preciso portanto cultivá-lo e alimentá-lo com a mais genuína seiva do Fundador.

<sup>16</sup> ACS, 6 de janeiro de 1923, p. 41ss.

<sup>17</sup> ACS, 24 de julho de 1927, n. 40, p. 573.

<sup>18</sup> ACS, 6 de janeiro de 1923, n. 17, p. 45.

O Pe. Rinaldi foi endereçado para isto logo no início, antes como encarregado da formação das vocações “adultas” (os “Filhos de Maria”): um original compromisso de futuro, no qual foi orientado pessoalmente por Dom Bosco; depois foi lançado na península ibérica, onde foi o primeiro protagonista do transplante do carisma numa outra cultura; finalmente foi colocado no centro de tudo, seja como Vigário geral seja como Reitor-Mor.

Paremos um pouco para contemplar o que fez. Veremos abrir-se diante de nossos olhos um panorama inusitado; nele aparece às vezes — como alguém escreveu — um “apóstolo quase clandestino”<sup>19</sup>. Ter uma idéia ajudará a não equivocar a sua figura e a compreender a sua missão histórica.

O Pe. Rinaldi, com sua simplicidade bonachona, na realidade era um homem dinâmico e criativo; com acentuada tendência à ação, calma e firme; audaz nas suas iniciativas, também se guiado sempre pela prudência. Era defensor consciente da herança recebida, mas não tinha medo das novidades, quando se intuía que a elas se aplicava, desenvolvendo-o, o espírito de Dom Bosco. Possuía uma inteligência prática particularmente penetrante. Era reservado e recolhido em suas atitudes exteriores, mas conhecia com olhar seguro a realidade do ambiente e das situações em que vivia, e tinha a boa intuição de adaptar-se e de valorizá-las para as suas iniciativas. Não passavam para ele despercebidas as mudanças dos tempos — para melhor ou para pior — e sabia responder às exigências novas que elas comportavam. Respeitava todos aqueles com os quais se relacionava; era incapaz de imposições autoritárias, mas tinha a habilidade de atraí-los com a sua bondade e torná-los colaboradores. Não fazia demonstração de erudição e de competências especializadas, aliás tinha pouca estima dele mesmo, mas era rico de penetrante observação, de criatividade e de bom senso e, assim, de fato, impulsionou adiante com sucesso obras de grande originalidade no tempo em que viveu, antecipadoras do futuro.

Foi, afinal, um verdadeiro realizador, não impulsivo, mas empreendedor, calmo e sábio, de quem permanecem as obras e os ensinamentos.

— *Enviado à Espanha*, fez dela sua pátria adotiva e “a amou — testemunhou Dom Marcelino Oleachea, arcebispo sale-

<sup>19</sup> D. T. DONADONI, *La bontà si è fatta uomo*, LDC, Torino 1963, p. 46.

siano de Valência — como se nela tivesse nascido”<sup>20</sup>. Isto indica uma especial capacidade de adaptação, acompanhada pela valorização das pessoas, da cultura e do ambiente.

Dedicou-se ardorosamente a se familiarizar com a língua castelhana e também com a catalana; adquirida uma certa habilidade com a língua de Cervantes, quis ler (e reler também mais de uma vez) o ‘Dom Quixote’, porque “ensinava-lhe muita filosofia prática e sobretudo a arte de compreender e tratar os homens e de governá-los, além de ser um meio para se distrair dos problemas e de alimentar um pouco de bom humor”<sup>21</sup>.

Em nove anos — como lembrou o Pe. Ricaldone nos Processos — foram 21 casas por ele fundadas: quase um milagre de atividade e de intuição na promoção das vocações e na escolha das pessoas. Com a sua saída, na península foram erigidas quatro Inspetorias: a ‘Portuguesa’ e na Espanha, a ‘Terragonense’ (Barcelona), a ‘Céltica’ (Madri) e a ‘Bética’ (Sevilha).

Preocupou-se também muito com a presença e o crescimento das Filhas de Maria Auxiliadora. Orientou-as sobretudo a se expandir na Andalúcia. Tinham só a casa de Sarriá; ele as estimulou e as ajudou em nove fundações. “À sua chegada em Barcelona, as irmãs eram 4 e as noviças 3; à sua saída as irmãs tinham aumentado para 63 e as noviças para 31, quase todas espanholas”<sup>22</sup>.

Não parece exagerado afirmar que ele foi o maior protagonista dos inícios da Obra Salesiana na península ibérica e que ele semeou nela — coisa significativa — uma sólida e fiel tradição do espírito de Dom Bosco.

Com razão Dom Marcelino Oleachea pode afirmar com simpático entusiasmo: “Se um dia a voz infalível da Igreja elevar o Pe. Rinaldi às honras dos altares, haverá grande júbilo em toda a Congregação, mas se sentirá sobretudo na Espanha, naquela Espanha que ele levou no coração acariciando-a até à morte, e cujas terríveis dores previu como profeta”<sup>23</sup>.

— Colocado no centro da Família como *Vigário do Sucessor de Dom Bosco*, não limitou sua ação unicamente às tarefas admi-

<sup>20</sup> Summarium, p. 365, n. 1238.

<sup>21</sup> R. FIERRO, El Siervo de Dios Don Filipe Rinaldi, 2.ª ed., SEI, Madrid, 1960, p. 76.

<sup>22</sup> L. CASTANO, Don Rinaldi, LDC, Torino 1980, p. 78-79.

<sup>23</sup> E. FIERRO, o.c., p. 5.

nistrativas de Prefeito geral da Congregação salesiana. Era sem dúvida, a sua, uma desgastante vida de escritório que exigia também graves responsabilidades nos casos mais difíceis. Pensemos, por exemplo, aos fatos de Varazze (1907) e mais tarde aos de Marsala (1909): o longo e delicado processo judicial que se seguiu aos fatos de Varazze passou pelas suas mãos.

Que esta tarefa de Prefeito geral foi desenvolvida por ele com sentido de responsabilidade e eficiência, pode-se deduzir do fato que ele foi reeleito por três vezes, servindo dois Reitores Maiores, bem diferentes dele em caráter e mentalidade.

É surpreendente o número de atividades, a variedade de interesses e as iniciativas de longo alcance que ele apoiou.

Em tudo isto em pleno acordo e virtuosa submissão ao Reitor-Mor, fosse o Pe. Rua ou o Pe. Álbera. Pode ser esclarecedor o que observa o Pe. Céria na sua biografia em relação ao segundo. “O Pe. Rinaldi, positivo e empreendedor, sendo até o fim — para usar uma palavra atual — um dinâmico, isto é, um homem de iniciativas corajosas, devia se entender com um Superior (Pe. Álbera) prevalentemente, diríamos assim, de idéias gerais e por natureza um tanto estático, com receio de iniciar coisas novas, que costumava avaliar em profundidade em seus aspectos difíceis e incertos”<sup>24</sup>; além disso deixava-se facilmente influenciar negativamente, justamente em relação ao seu tão válido e humilde colaborador.

Vejamos, continuando em rápidos acenos, quais são os principais campos de suas atividades no centro da Congregação.

### **Durante o período em que foi “Prefeito geral”**

A. *Um primeiro campo é certamente aquele dos fiéis leigos. O Pe. Rinaldi demonstra aqui um interesse verdadeiramente antecipador.*

• Fortaleceu e dinamizou a associação dos *Cooperadores*. Na época, o Reitor-Mor interessava-se deles pessoalmente através de um delegado. O Pe. Rinaldi percebeu que as coisas não caminhavam suficientemente por falta de uma adequada organização;

---

<sup>24</sup> CERIA, o.c., p. 35.

insistiu com o Pe. Rua para que se criasse uma comissão central, presidida pelo Prefeito e composta por três conselheiros e alguns secretários, de acordo com a necessidade. Escolheu o pessoal, estimulou a ação dos Inspetores e dos Diretores, promoveu diferentes iniciativas de formação e de trabalho apostólico, distinguiu claramente os Cooperadores dos Benfeitores, estimulou a entrada dos jovens que tivessem completados os 16 anos, cuidou mais tarde, em 1917, uma nova edição do Regulamento simplificando as inscrições, preocupou-se para que os centros locais fossem dinamicamente vivos, foi formando e completando as fileiras dos animadores; atribuiu em vista disso também especial importância ao “Boletim Salesiano”.

De 1903 a 1930 fez celebrar nove Congressos internacionais, 4 na Itália e 5 na América Latina: é bom assinalar que aquele de 1920 marcou época na organização e ação dos Cooperadores Salesianos.

A sua preocupação fundamental foi aquela de fazer viver com atualidade entre eles o verdadeiro espírito de Dom Bosco.

• Com os *Ex-alunos* a ação do Pe. Rinaldi foi ainda mais original e rica de resultados com perspectivas internacionais e mundiais. Já falei disso numa Carta circular<sup>25</sup>; aqui lembro brevemente.

Existem no arquivo documentos que demonstram como ele estudasse este assunto com os próprios leigos. Convocou o Congresso Internacional de 1911 em Valsalice, quando se proclamou a Federação Internacional das Associações e foram criados os órgãos diretivos: era a primeira Federação internacional deste tipo entre todas as instituições católicas! Dele partiu também a idéia que os Ex-alunos levantassem a Dom Bosco na praça de Maria Auxiliadora um monumento, que chegou à sua feliz realização em 1920. Para a inauguração ele promovera três Congressos internacionais: dos Cooperadores, dos Ex-alunos e das Ex-alunas.

O Pe. Rinaldi, de fato, foi o inspirador e o organizador também das Ex-alunas: “desde o primeiro momento que começou a se interessar pelo Oratório feminino, alimentava o grandioso plano de unir as Ex-alunas das FMA numa União mundial, novidade corajosa sem dúvida, mas que não o apavorava”<sup>26</sup>. Para a primeira

<sup>25</sup> ACG, abril-junho 1987, n. 321.

<sup>26</sup> CERIA, o.c., p. 213ss.

associação escolheu como responsável a sra. Felicita Gastini, filha daquele Carlos Gastini que reunira o primeiro grupo de Antigos Alunos de Dom Bosco.

• Um outro grupo feminino, que foi objeto dos seus cuidados de predileção, é o das *Zeladoras* de Maria Auxiliadora, que floresceu depois no atual Instituto Secular das “*Voluntárias de Dom Bosco*”. Em 1908 escolhe entre as Filhas de Maria as chamadas “Zeladoras do Oratório”. No primeiro congresso das Ex-alunas (1911) algumas delas apresentam a idéia de uma associação de Filhas de Maria “no século”; mais tarde (3 de outubro de 1916) prepara para elas um esboço de estatuto em 7 pontos; a 20 de maio de 1917 marca a primeira reunião: é o início oficial! Supera não poucas dificuldades e incompreensões; finalmente obtém o sinal verde com a aprovação de um primeiro Regulamento em 18 artigos para a “Associação das Zeladoras salesianas” (julho de 1918); a 26 de outubro de 1919 acompanha as primeiras 7 profissões e, pouco depois (novembro de 1920), manda eleger entre elas um Conselho para admitir as novas (autonomia laical! 29 de janeiro de 1921). A 8 de outubro de 1922, recebendo de algumas delas a renovação dos votos, insiste sobre o seu espírito salesiano, considerando-as as primeiras consagradas dedicadas a seguir Dom Bosco na sociedade”<sup>27</sup>.

Parece à primeira vista uma coisa humilde, como todas as sementes, mas esconde uma genialidade eclesial. “Aqui — escreve o seu biógrafo — o Pe. Rinaldi chegou a intuir e atuar uma nova forma de vida consagrada no mundo e a lançar as bases de um Instituto que hoje nele se reconhece e o honra como inspirador e pai. Poder-se-ia dizer que esta foi a sua obra mais acertada e mais pessoal”<sup>28</sup>. Ninguém pretende afirmar que tenha pensado explicitamente em um “Instituto secular” como se entende hoje; seria uma presunção anacrônica. O que, porém, devemos considerar seguro é que ele intuiu e trilhou um caminho que levava à secularidade consagrada e que fazendo isto “entendeu retomar um ideal não completado por Dom Bosco e dar-lhe vida”<sup>29</sup>.

• Uma outra iniciativa laical a ser lembrada é a “*União Dom Bosco de Professores*”. Alguns professores — dirigidos espiritual-

<sup>27</sup> Cf. L. CASTANO, o.c., p. 118.

<sup>28</sup> L. CASTANO, o.c., p. 118.

<sup>29</sup> Ib., p. 127.

mente pelo Pe. Rinaldi — avançaram a proposta, no início da década de 1920, de se criar uma associação apolítica de inspiração cristã entre os professores. Ele intuiu logo o benefício que se alcançaria seja entre os próprios membros, seja pela ação educativa que teriam desenvolvido nas escolas estatais. Fez sua a iniciativa e deu vida a uma original “União”, da qual se tornou o primeiro animador com o seu grande prestígio<sup>30</sup>.

A iniciativa apresentava três características que lhe eram bastante queridas: era associação de leigos, tinha como objetivo a educação moral da juventude, e pretendia trabalhar seguindo os critérios do Sistema educativo de Dom Bosco. Também este tipo de associação foi o primeiro do gênero na Itália na área de inspiração cristã: o Pe. Rinaldi não ia certamente em busca dos primeiros lugares, mas o seu ardor apostólico lhe fazia assumir naturalmente posições de vanguarda.

• Um outro campo em que aparece positivamente seu trabalho criativo é o da *Comunicação social*.

São poucos talvez aqueles que esperam na pessoa do Pe. Rinaldi a preocupação de dar vida a uma grande Editora; no entanto é a pura realidade. Ele é o fundador da Sociedade Editora Internacional (SEI). Dom Bosco já tinha iniciado diferentes atividades editoriais em Valdocco, mas com o passar dos decênios não foi feita alguma ordenada sistematização geral. O Pe. Rinaldi organizou o setor e criou a SEI, para cujo sustento financeiro procurou também os Cooperadores e Benfeitores das diferentes nações da Europa e da América. Como o santo Fundador, também ele tinha o sentido empresarial de certas obras apostólicas.

Além disso ele foi promotor de várias publicações e revistas; por exemplo: quando estava na Espanha o jornalzinho “El Oratório festivo”. depois cuidou muito do “Boletim Salesiano”, fundou “Voci fraterne” e “Unione” para os Ex-alunos e as Ex-alunas, a revista “Maria Ausiliatrice” para a basílica de Valdocco, a revista “Gioventù Missionaria” para as missões. Organizou bibliotecas para a juventude: fundou círculos de cultura, incentivou a “schola cantorum”, os fundos de Mútuo socorro, os serviços médicos gratuitos etc.

<sup>30</sup> Cf. E. CERIA, o.c., p. 331ss.

Teve a idéia de fundar também uma Revista para a mulher: é interessante considerar — ver nota 31 — o sentido de atualidade com que atuava este projeto de revista feminina.

*B. Mas um dos compromissos mais significativos, válidos e frutuosos foi sem dúvida a sua paternal dedicação às Filhas de Maria Auxiliadora.*

Ele começou a agir em um momento particularmente delicado quando, por disposição da Sé Apostólica, estabeleceu-se a autonomia jurídica e administrativa do Instituto até então agregado à Sociedade de S. Francisco de Sales. Era preciso saber identificar a comunhão no espírito e na missão, enquanto se organizava a autonomia.

Ele conquistou um geral reconhecimento de estima quando fez uma boa e razoável divisão dos bens materiais entre as duas Congregações, como aparece dos Processos; mas sobretudo conquistou a confiança de todas e de todos quando trabalhou com redobrado interesse, paterno e profundamente espiritual para que se conservasse o patrimônio carismático comum do Fundador. As afirmações nos Processos são unânimes e entusiastas a este respeito: os testemunhos das FMA são os mais confiáveis seja sobre a santidade pessoal, seja sobre a ação por ele desenvolvida para a comunhão espiritual e apostólica das duas instituições de Dom Bosco. É, isto, um assunto que deveria ser profundamente estudado para se ter uma visão mais documentada da unidade

<sup>31</sup> Progetto periodico femminile (Arquivo 2971 I ms do Pe. Rinaldi 1909).  
Característica da Revista:

- Unir as forças internas e externas das FMA para a formação da mulher especialmente do povo.  
Seja um meio para as professoras treinarem para tratar argumentos sociais, para educar quem lê e formar quem escreve.  
Deve insistir sobre a orientação que deve hoje seguir a mulher influente (moral, intelectual e materialmente) para treinar um apostolado da educação cristã, social entre as filhas do povo.
- Como atuar esse conceito com a programação da Revista:
  1. artigo de fundo, 2. perfis modernos de mulheres ativas, 3. economia doméstica, 4. trabalhos femininos, 5. crônica do movimento feminino social internacional, 6. variedades, 7. legislação do trabalho das mulheres, 8. o que dizem as revistas afins, 9. higiene do trabalho, 10. oportunamente apresentar aqueles pontos de doutrina cristã que afastam os erros mais comuns.

espiritual da nossa Família (faço votos que alguém qualificado inicie este trabalho).

Campo privilegiado da ação do Pe. Rinaldi, em colaboração com as FMA, foi o Oratório feminino de Valdocco, desde quando começou a trabalhar nele em 1907 com o título de Diretor (como então se usava) sucedendo ao Pe. Francésia. Aqui ele durante anos *prodigalizou* verdadeiramente o ardor do seu zelo sacerdotal e a originalidade de suas iniciativas educacionais e apostólicas. Quase não se consegue compreender como ele tenha conseguido desenvolver tanto trabalho além daquele que já tinha como prefeito; mas os depoimentos são tão particularizados, concordes e autorizados que asseguram sua objetividade. Ele deixava às irmãs o que era de sua competência, mas animava, sugeria, guiava, encorajava com paterno otimismo e iluminada sabedoria. Em um clima de fervor partilhado recolhiam-se centenas de meninas e de jovens; nasciam associações de acordo com a idade e o diferente nível espiritual: tratava-se de grupos apostólicos, sociais, culturais, recreativos, que algumas testemunhas apresentam e explicam com profusão de dados; múltiplas manifestações mantinham o Oratório numa contínua tonalidade de mobilização festiva; multiplicavam-se as vocações (ele era confessor regular na basílica, duas horas toda manhã). Das jovens, a ação passava às famílias, ao bairro, aos lugares de trabalho, às associações católicas diocesanas. O Oratório não era um mundo fechado, mas aberto: um fermento de bem, em que o Pe. Rinaldi fazia entrar também elementos do laicado católico para endereçar verdadeiramente à vida.

Era esta uma grande lição salesiana não só para as FMA, mas também para os irmãos. O Pe. Rinaldi, de fato, entendia o Oratório como centro vivo de iniciativas culturais, sociais e religiosas. Queria-o enriquecido com oportunas iniciativas laicais; desejava-o inserido nas periferias das cidades (como foram mais tarde os de S. Paulo e de Monterosa que ele como Reitor-Mor mais gostava em Turim).

Naquele masculino de Valdocco foi ele, por exemplo, o fundador do grupo "Auxilium", que se tornou depois famoso no Piemonte. (No primeiro ano de fundação em 1906, os membros quiseram que ele fosse presidente; aceitou, mas com a condição que fossem preparados dirigentes leigos que deveriam guiar a associação com sua responsabilidade).

Além das atividades oratorianas sobrava-lhe tempo para a preciosa direção espiritual das Irmãs, para as conferências pedagógicas que ele ia fazer na Casa geral de Nizza Monferrato, onde funcionava um florescente Instituto de preparação ao Magistério: falava às Irmãs, às jovens dos últimos anos, às professoras, às mães. É surpreendente como tenha compreendido os problemas femininos tratando, além de temas estritamente pedagógicos, aqueles do namoro, do matrimônio e da vida conjugal, com uma visão verdadeiramente pastoral. Soube transferir para o mundo feminino aquele conhecimento e prática do Sistema Preventivo, cuja plena aplicação até então tinha sido interpretada prevalentemente do ponto de vista das obras masculinas.

Mas a maior realização para com as Filhas de Maria Auxiliadora o Pe. Rinaldi a realizou como intérprete e defensor do patrimônio espiritual comum. A Irmã Clélia Genghini afirmou nos Processos: "O período entre 1905 e 1913, e especialmente entre 1905 e 1907, foi verdadeiramente crucial. Temia-se sermos completamente afastados da direção do Superior da Sociedade salesiana e, portanto, um pouco por vez, do espírito de Dom Bosco... Neste período o Pe. Rinaldi com sua bondade paterna, e com os seus sábios e luminosos conselhos, foi de grande conforto e ajuda para o nosso Instituto. Prova disso são as cartas endereçadas neste período. Numa sua carta do dia 5 de setembro de 1905, escrevia: 'Deus vos ilumine. Estais atravessando o momento mais solene da vossa vida. Portanto é preciso ter serenidade e graça de Deus. Eu espero muito bem das novas decisões, se souberdes inserir em tudo o espírito de Dom Bosco' " <sup>32</sup>.

Portanto, seja bem-vinda uma sadia autonomia, mas na plena comunhão do mesmo espírito. "Com este intuito — afirmou a Irmã Tereza Graziano — o Pe. Rinaldi aproximava-se com uma particular preferência e com prudente frequência das Superiores Maiores, que, nos primeiros anos de seu reitorado, moravam ainda na Casa mãe de Nizza. Foi ele quem conseguiu que a Casa mãe fosse trasladada para Turim perto do santuário de Maria Auxiliadora, onde as Superiores pudessem participar mais intensamente e com maior comodidade da vida salesiana, e receber mais eficaz e largo sinal do espírito de Dom Bosco" <sup>33</sup>.

<sup>32</sup> Summarium, p. 218-219, n. 756ss.

<sup>33</sup> Summarium, p. 113, n. 338.

Estava extraordinariamente preocupado em assegurar a mais estreita comunhão no idêntico precioso patrimônio.

Ele nesta delicada circunstância foi o homem providencial, sábio, delicado, paterno, constante e iluminado; parecia tivesse recebido como dom do Espírito uma especial capacidade de percepção dos traços da alma feminina: incidia com delicadeza nos seus corações de uma maneira admirável. A direção espiritual, as cartas pessoais, os conselhos às Superiores, as múltiplas formas de contato orientativo, também as correções serviram para intensificar a fidelidade e a união.

É bonito constatar a franqueza com que falava ou escrevia às Superiores. Assim, por exemplo, numa carta de 1915 à benemérita Superiora geral madre Catarina Daghero diz com familiar sinceridade: “Meu desejo sempre foi aquele de favorecer entre vós as idéias que me parecem verdadeiramente de Dom Bosco. Parece-me que até certo ponto falou-se muito ‘são irmãs, são mulheres, nem tudo é adaptável a elas’. Assim foi-se adiante e, sem perceber, vos tornais religiosas comuns como tantas outras. Neste caso não era necessário um Instituto feminino a mais: existem já tantos outros!”<sup>34</sup>. Expressões, estas, que fazem lembrar um clima cultural de outros tempos, sobretudo a mentalidade de padres e irmãos. Mas é impressionante — e diria profético — o fato que ele nunca tenha tolerado em relação às Filhas de Maria Auxiliadora — como em relação a outras religiosas em geral — comportamentos menos delicados e juízos nascidos de um certo complexo de superioridade, e, ao mesmo tempo, tenha exortado madre Daghero a guardar preciosamente a identidade salesiana comum de que a veneranda Co-fundadora, madre Mazzarello, foi sempre cuidadosa intérprete e transparência viva.

É mérito sobretudo do Pe. Rinaldi se os dois Institutos, na legítima autonomia jurídica, souberam manter relações de intensa comunhão espiritual, de mútua compreensão, de solidariedade prática e de fecunda colaboração recíproca.

É, este, um aviso profético para nós hoje em uma Igreja caracterizada pela “comunhão” e comprometida numa busca apostólica de “nova evangelização”.

Quando o Pe. Rinaldi foi eleito Reitor-Mor considerou sua grave tarefa a nomeação pontifícia de “Delegado Apostólico” para

<sup>34</sup> Carta à M. Catarina Daghero, 28 de dezembro de 1915, ACS 9.31 Rinaldi.

o Instituto das FMA, obtida pela primeira vez do Papa Bento XV em 1917 graças ao válido interesse do Card. Cagliero.

Entre os múltiplos serviços e orientações merecem uma particular lembrança as especiais Lembranças do início do ano para as FMA: 1922, 1929, 1930, 1931, 1932 (o Pe. Rinaldi costumava dar uma Lembrança diferente aos vários Grupos, às vezes era diferente até entre os Salesianos: uma para os padres e outra para os Coadjuutores). Dirigia todas as suas intervenções com a finalidade que melhor fossem revigorados o caráter e a forma dados a eles pelo Fundador sem nunca se fecharem diante das exigências dos tempos.

### Durante o período em que foi Reitor-Mor

O Pe. Rinaldi, como sucessor de Dom Bosco, deixou nas mãos do dinâmico Prefeito geral, Pe. Pedro Ricaldone, muitas atividades de caráter organizativo e executivo para poder desenvolver plenamente a tarefa de guia e animador: quis ser sobretudo “pai”.

Não se deve porém acreditar que seu dinamismo tivesse diminuído. Lendo os “Atos do Capítulo Superior” durante o seu reitorado constata-se como ele estivesse no centro do governo: muitas iniciativas partiram dele e todas eram por ele coordenadas, também se na sua humildade deixava aos outros os louvores da realização.

— O que mais o interessava foi a *formação dos irmãos* e a organização das *comunidades formativas* e dos *centros de estudo*. Durante aquele decênio os Irmãos passaram de 4788 a 8836, com um crescimento médio de 450 ao ano, e as Casas de 404 a 644.

— *A beatificação de Dom Bosco* (1929) foi a ocasião que ele valorizou para uma total e concreta renovação espiritual e apostólica.

— *Um empreendimento magnânimo e bem corajoso foi o impulso missionário*. Criou uma espécie de mobilização neste sentido: abriu sete aspirantados missionários e preparou expedições de proporções excepcionais, mandando para as missões pessoal muito jovem (noviços e pós-noviços). Podemos dizer que o impulso missionário daqueles anos deu verdadeiramente con-

sistência e dimensão mundial ao carisma do Fundador, realizando assim o que Dom Bosco lhe dissera: “Tu não irás para as missões, mas mandarás os outros”.

— Existe também uma iniciativa importante e de futuro que o Pe. Rinaldi Reitor-Mor não pôde levá-la até o fim, mas que é uma *ulterior* demonstração da sua admirável dinamicidade: o *projeto de ampliação da basílica de Maria Auxiliadora em Valdocco*. Foi ele quem mandou fazer o estudo e quis essa ampliação, e foi sua bondade, habilidade e constância que fizeram superar os fortes contrastes entre os próprios Superiores antes que se tomasse a decisão<sup>35</sup>. “É preciso preparar na igreja mãe da Obra salesiana — escrevia numa carta aos Cooperadores — uma digna acolhida ao Ven. Dom Bosco no dia em que será, esperamos, elevado à honra dos altares”. A ampliação foi iniciada depois de sua morte, mas ele tinha plenamente convencido entre outros, o ecônomo geral, Pe. Fedele Giraudi por ele chamado a fazer parte do Conselho geral. Assim o santuário da Auxiliadora em Valdocco, centro vivo da Família Salesiana no mundo, apresenta a todos, juntamente com Nossa Senhora, também Dom Bosco: seja em seu monumento da praça, seja em seu altar na basílica. Devemos isso ao amor filial do Pe. Rinaldi, à sua corajosa intuição.

Como conclusão desta visão panorâmica sobre a sua atividade podemos formular um juízo global citando o parecer de um irmão bastante competente e que fora inicialmente um pouco crítico em relação a ele. Trata-se do Pe. Bartolomeu Fascie que foi durante 15 anos membro do Conselho geral; afirma: “Não poucos pensavam que, por causa da vocação tardia, o Pe. Rinaldi fosse um homem de limitada cultura e de inteligência comum. Evidentemente não o conheciam. O Pe. Rinaldi foi verdadeiramente uma das grandes cabeças da nossa Congregação, um líder nato, que poderia ter sido um grande estadista, se tivesse escolhido a carreira política... Último dos sucessores de Dom Bosco a tratar familiarmente com o Fundador, ele era chamado a personificar em si mesmo o espírito de Dom Bosco, a paternidade e a santidade, para podê-las melhor inculcar nos seus filhos espirituais”<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Cf. CERIA, o.c., p. 341ss.

<sup>36</sup> Pe. RINALDI, *Sospinto dall'amore*, LDC, Torino 1979, pp. 90-91.

## Cultor de “salesianidade”

A palavra “salesianidade” está sendo utilizada ultimamente (também nos Capítulos gerais e na “Ratio”) para indicar um conjunto de aspectos pertencentes ao patrimônio espiritual, pedagógico, pastoral, religioso, histórico da nossa vida de Salesianos de Dom Bosco. O Pe. Rinaldi não utilizava esta palavra; falava sim de “espírito salesiano”, em sentido amplo e concreto que se referia de fato à experiência de uma tradição ininterrupta. Trata-se de uma realidade inserida no cotidiano como “experiência do Espírito Santo” transmitida de geração em geração.

Dom Bosco deixou as Constituições e outros escritos bastante significativos, mas sobretudo formou testemunhas vivas que soubessem cuidar e transmitir este seu patrimônio. Os Sucessores do Fundador e os Capítulos gerais acrescentaram outros escritos certamente importantes. Deve-se lembrar, entre outros, o “Vademecum” do Pe. Barberis para os noviços. Depois vieram as “Memórias Biográficas” que enriqueceram a possibilidade do conhecimento da experiência.

Todavia nas primeiras três décadas do século a literatura da salesianidade era pouca. Era preciso buscar o material, digamos assim, da própria realidade. É sintomático que o Pe. Rinaldi tivesse consciência disso e que tenha assumido para si, toda vez que lhe fosse possível, esta importante tarefa.

Chamamo-lo “cultor”, mais do que “mestre”, para reservar esta segunda palavra, tão rica e fundamental, ao próprio Dom Bosco, também se se podia aplicá-lo, de maneira derivada e dependente também a ele.

Assimilara o espírito do Fundador de uma maneira eminente: era-lhe congenial e o expressava com espontânea naturalidade. Aprofundava-o constantemente com reflexões originais.

Se pensarmos depois que as suas leituras preferidas eram aquelas de tipo espiritual e ascético e que entre os propósitos da sua Primeira Missa encontra-se o de ler todo ano a vida de um Santo, encontrando sempre em cada um deles — como ele dizia — algum aspecto que servia a iluminar o espírito de Dom Bosco <sup>37</sup>, devemos reconhecer que possuía as qualidades e utili-

---

<sup>37</sup> Cf. CERIA, o.c., p. 43.

zava meios eficazes para ser cultor extraordinariamente autorizado de salesianidade.

Durante quatro anos, como Prefeito geral, viajou para fazer conferências aos estudantes de teologia em Foglizzo, tratando de argumentos de pedagogia, de espiritualidade e de vida salesiana<sup>38</sup>. Por vários anos fez o mesmo com as Filhas de Maria Auxiliadora. Nisto demonstrou-se, além de válida testemunha, também brilhante pensador, de “uma grande mente e um grande coração”; à objetividade da análise unia “a modernidade das concepções, a assimilação perfeita do espírito e do sistema de Dom Bosco”<sup>39</sup>.

Não estava só preocupado em ser genuinamente fiel às origens, mas ao mesmo tempo preocupava-se em conhecer as exigências dos tempos; foi simultaneamente “defensor da tradição e da modernidade”. Não sentia-se amarrado ao pé da letra, mas ao verdadeiro espírito com força e convicção: “a nossa missão, não esqueçamo-lo, não é a de sermos arrastados, mas de arrastar os outros, não de receber as impressões do lugar e das pessoas onde vamos, mas de imprimir nós o nosso espírito salesiano na formação cristã dos jovens e no ambiente que nos rodeia”<sup>40</sup>.

E deste espírito tornou-se constante defensor, deduzindo as suas afirmações, em grande parte, da reflexão pacata e profunda, da experiência constante na tradição viva. Não tratou somente alguns aspectos; aprofundou a realidade na sua globalidade. Talvez a sua é a primeira reflexão global sobre o essencial da salesianidade. Os irmãos e as irmãs escutavam essas conferências com sincero apreço, tanto é verdade que chegaram até nós, porque conservadas em vários cadernos de apontamentos. Foi ele, ainda, que insistiu com o Pe. Céria para que escrevesse sobre São Francisco de Sales<sup>41</sup> e, sobretudo, sobre o nosso Fundador com o precioso livro “Dom Bosco com Deus”; ao Pe. Alberto Caviglia pediu para que se dedicasse às Obras e Escritos editados e inéditos de Dom Bosco.

As suas intervenções (circulares, cartas, lembranças, conferências, pregações etc.), pode-se dizer, têm como nota dominante

<sup>38</sup> Cf. E. VALENTINI, Don Rinaldi maestro di pedagogia e di spiritualità salesiana, Torino-Crocetta, ristampa 1965.

<sup>39</sup> Ib. pp. 4-5.

<sup>40</sup> ACS, 24 de outubro de 1929, n. 50, p. 800.

<sup>41</sup> La vita religiosa negli insegnamenti di San Francesco di Sales, cf. ACS, 24 de abril de 1926, n. 34, p. 445.

“Dom Bosco modelo”, e que o tema da “vida de família” com aquele do “Sistema preventivo” constituem a tradição prática do espírito salesiano. “Se fosse possível recolher e classificar todos os ensinamentos — escreve o Pe. Céria — que o Pe. Rinaldi ia falando aqui e ali de acordo com as circunstâncias ter-se-ia um tesouro de doutrina ascética”<sup>42</sup>.

O ponto vital sobre o qual insistia foi sempre o da peculiar interioridade que devia caracterizar o espírito salesiano; queixava-se que Dom Bosco nisso não fosse ainda suficientemente conhecido: “prestai atenção — dizia nos últimos anos aos estudantes de teologia da Crocetta — que a verdadeira fisionomia do Pai não a apresentam as obras... a verdadeira grandeza e justa fisionomia de Dom Bosco se poderá e se deverá conhecer no seu íntimo”<sup>43</sup>.

Seria longo demais, aqui, entreter-nos sobre os vários aspectos de seus ensinamentos. Focalizaremos somente *dois temas mais característicos*: o da “interioridade” e o da “bondade”.

### **Autorizado intérprete da nossa “interioridade apostólica”**

O Pe. Rinaldi entendera, no familiar contato com Dom Bosco e depois na sua experiência pessoal, que a atitude constante de união com Deus era o segredo de toda a operosa vida e do espírito próprio do Fundador.

Hoje já não são poucos aqueles que focalizam a atenção sobre este aspecto interior de Dom Bosco, mas talvez ninguém o fez com a força, a convicção, a insistência e a autoridade do Pe. Rinaldi. Foi a principal mensagem que ele quis deixar como testamento à nossa Família. Sem a plena imersão em Deus não é possível sermos seus apóstolos. “A vida interior — dizia — pode parecer de alguma maneira estranha para nós, porque, como Salesianos, somos sempre ativos e ocupados. Todavia é exatamente a coisa, a única coisa que nos torna religiosos”<sup>44</sup>.

Considerava esta atitude a fonte cristalina de tudo, a primeira graça, o verdadeiro motor escondido do nosso espírito;

---

<sup>42</sup> CERIA, o.c., p. 422.

<sup>43</sup> Ib., p. 439.

<sup>44</sup> Pe. Rinaldi, o.c., p. 91.

e afirmava-o corajosamente, quase de maneira paradoxal: “a nossa santidade — escrevia aos irmãos — não está tanto na prática do sistema de vida abraçado com a profissão salesiana e nem só na imitação das virtudes do nosso Pai, mas em fazer com que a vida salesiana por nós abraçada, a imitação das virtudes paternas *sejam animadas pelo espírito do qual vivia* e com o qual exercitava as virtudes o próprio Dom Bosco”<sup>45</sup>.

E na Lembrança especial às Filhas de Maria Auxiliadora para o ano de 1931 sobre a vida interior de Dom Bosco, enquanto as exortava a realizarem em si — como já lhes tinha dito o Fundador — uma síntese vital entre a operosidade de Marta e a contemplação de Maria, afirmava que trata-se de uma “vida interior simples, evangélica, prática, laboriosa”; Dom Bosco — lê-se na Lembrança — “unificou com a máxima perfeição a sua atividade exterior, incansável, envolvente, vastíssima, cheia de responsabilidade, com uma vida interior que teve início no sentido da presença de Deus (oh! o poder do “Deus te vê” de mamãe Margarida!) e que, pouco por vez, torna-se atual, persistente e viva ao ponto de se tornar perfeita união com Deus. De tal maneira realizou em si o estado mais perfeito, que é a contemplação operante, o *êxtase da ação*, a que se entregou até o fim, com serenidade estática, para a salvação das almas”.

Portanto o segredo do nosso espírito é a união com Deus como alicerce e acima de tudo; o trabalho apostólico dinâmico e criativo brote constantemente do ardor da caridade para com Deus: daí procede a famosa “*graça de unidade*” da nossa caridade pastoral!

Mas procuremos descobrir um pouco melhor de que maneira o Pe. Rinaldi aprofundava este segredo da interioridade apostólica salesiana. Analisaremos *três aspectos*: o “*ardor pelas almas*”, o “*trabalho*” apostólico contínuo e a fidelidade cotidiana à “*oração*”.

— *Antes de tudo o cuidado para viver de verdade o lema “da mihi animas”*: Dom Bosco o escolheu para caracterizar diante de todos o nosso espírito.

A união com Deus nos introduz no coração de Deus Pai, rico de amor infinito para com as “almas”, ou seja, para com todos

<sup>45</sup> ACS, 6 de abril de 1929, n. 48, p. 733-734.

os homens — e sobretudo para com os jovens — visando sua evangelização e salvação. Esta atitude de interioridade hoje pode ser chamada “coração pastoral”: é aquela união com Deus que se traduz em amor ardente e operativo pelas almas!

Considero importante interpretar, no nosso lema, a palavra “alma”, não como uma expressão antiquada e um pouco alienada da realidade dos acontecimentos da vida, mas sim como a afirmação de saber captar da realidade o que há nela de mais caracteristicamente humano com os valores transcendentais da pessoa e com as exigências do Evangelho, dedicando-se a cultivá-los operativamente para que possam influir também no devir social e sirvam para realizar a missão salvadora de Deus. A palavra “alma”, na nossa tradição, sublinha os traços mais significativos e válidos da pessoa humana e do seu contexto social.

O “*ardor pelas almas*” é uma expressão “rinaldiana” do ardor pastoral que nasce da união com Deus. O Fundador dizia muitas vezes a seus jovens: “Sabeis por que Dom Bosco vos quer tanto bem? Porque tendes uma alma que é tão preciosa e para salvar esta alma eu já faço algo, mas Deus fez muito mais”<sup>46</sup>.

De verdade o “*da mihi animas*” é o lema que sintetiza toda a sua pastoral juvenil e popular.

Vale mesmo transcrever aqui uma página inteira da circular do Pe. Rinaldi, escrita quase às vésperas da beatificação do nosso Pai.

Preocupa-se em destacar o espírito que animava Dom Bosco na prática das virtudes. Com esta finalidade cita um discurso do Papa Pio XI e comenta seu conteúdo: “O Santo Padre nos aponta *um ponto luminoso* que nunca devemos perder de vista. Mas onde — nos disse o Papa — Dom Bosco atingiu a energia inesgotável para realizar tantas coisas? Existe o *segredo* e ele mesmo continuamente o revelou num lema que é repetido muitas vezes nas obras salesianas; é a frase ditada do coração do Fundador: — *Da mihi animas; cetera tolle* — dê-me as almas e leve todo o resto. Eis o segredo do seu coração, a força, o ardor da sua caridade: o amor pelas almas, o amor verdadeiro, porque era o reflexo do amor para com N. S. Jesus Cristo e porque *as próprias almas ele via no pensamento, no coração, no sangue precioso de nosso*

<sup>46</sup> Ib. p. 735.

*Senhor*; assim que não havia sacrifício ou empreendimento que não ousasse enfrentar para ganhar as almas tão intensamente amadas.

Como é bonito, sublime e atraente — comentava o Pe. Rinaldi — tudo isto! Como amplia os horizontes do nosso apostolado e da nossa vida religiosa! *Dom Bosco conseguiu perder-se todo em Deus, em N. S. Jesus Cristo, e daí, por causa daquela admirável união, lançou-se atrás das almas com os ardores da mesma caridade do divino Redentor de maneira a não mais viver, não mais respirar a não ser pelas almas. Oh! nós que vivemos a seu lado e gozamos de sua familiaridade verdadeiramente única, podemos afirmar de ter ouvido várias vezes, quase de maneira sensível, este seu ardor pelas almas que eram toda a sua vida! Aqui, ó meus queridos, está todo o segredo da excelente santidade e das maravilhosas obras de Dom Bosco: e aqui nós também devemos agora converteir todos os nossos esforços: devemos, isto é, aumentar em nós dia por dia, minuto por minuto, a caridade para com Deus, N. S. Jesus Cristo, até àquela bem-aventurada união que o mesmo Jesus pediu por nós a seu eterno Pai na sua oração sacerdotal: 'que todos sejam um'!*

Para chegar a *sermos uma só coisa com as almas*, é preciso primeiro estabelecer a nossa vida em Deus de maneira que sejam divinos os nossos pensamentos, as nossas palavras e as nossas obras. *Então para nós as almas não serão outra coisa que Jesus, e nós seremos uma só coisa para as almas, seguindo o exemplo do nosso Pai. Então compreendemos em toda sua profundidade as palavras que Dom Bosco nos repetia nos últimos anos de sua vida: 'eu não posso fazer mais nada... Oh! quantas almas salvará Maria Auxiliadora através dos Salesianos'*"<sup>47</sup>. Até aqui a citação.

Não acredito exista uma página mais penetrante e mais envolvente sobre a interioridade apostólica salesiana: descreve o segredo para merecer o nome de filhos de Dom Bosco; toda a nossa força está nesse engajamento vital; aqui encontra-se o nosso primitivo carisma. Será necessário retomá-la, comentá-la, meditá-la, porque nos revela de verdade o núcleo central do nosso espírito.

Obrigado, Pe. Rinaldi!

<sup>47</sup> Ib. pp. 734-735.

Com razão afirmou Alberto Caviglia que nunca se compreenderá Dom Bosco Fundador, em sua pedagogia e o seu apostolado se não partirmos inicialmente da assimilação deste seu espírito. É a partir da ótica da união com Deus que o Pe. Rinaldi pode afirmar: “Para mim Dom Bosco é uma das mais esplêndidas personificações da caridade dos nossos tempos. A sua vida *nada mais é do que ardor de caridade divina* na completa imolação para o bem da juventude e para a salvação das almas. ‘Quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus’: o seu Sistema preventivo nada mais é do que caridade!”<sup>48</sup>.

Dos 73 anos da vida de Dom Bosco, afirma ainda o Pe. Rinaldi, mais de 63 os entregou na salvação das almas, sobretudo da juventude: “como o S. Evangelho nos apresenta Jesus, desde a sua primeira entrada no mundo, unicamente voltado a fazer a vontade de seu Eterno Pai, que só era a salvação das almas, assim a vida de Dom Bosco no-lo apresenta em um contínuo apostolado pela salvação das almas. Experimentai a tirar *este fio de ouro* da sua vida e ela não terá mais consistência alguma: analisai-a em todos os seus mais pequenos particulares e sempre aparecerá a síntese radiosa do “da mihi animas” e do “cetera tolle”! Resumi-a num pequeno volume, contendo só os pontos essenciais, e tereis entre as mãos *um Evangelho salesiano*”<sup>49</sup>.

Este “fio de ouro” supunha nele um contínuo exercício de escuta na fé, ou seja, de amor contemplativo cultivado cotidianamente com vários meios de referência viva a Deus.

— Em segundo lugar, como aspecto inseparável deste “ardor pelas almas”, o Pe. Rinaldi insistiu sobre o conceito salesiano de “trabalho”. É, o seu, uma espécie de comentário àquele “êxtase da ação” que ele, inspirando-se em S. Francisco de Sales, lembrou às Filhas de Maria Auxiliadora, na Lembrança citada, como “*mais perfeito estado de contemplação operativa*”.

Dom Evásio Colli, conterrâneo e profundo amigo do Pe. Rinaldi, no sermão da missa de trigésimo dia, sublinhava exatamente como o seu extraordinário trabalho apostólico era uma modalidade de “êxtase”: “Nestes tempos de dinamismo superficial e espalhafatoso — que domina às vezes também a vida religiosa — ... é preciso retomar o conceito que de santidade e de

<sup>48</sup> ACS, 6 de janeiro de 1929, n. 47, p. 714.

<sup>49</sup> ACS, 24 de outubro de 1929, n. 50, p. 798.

perfeição cristã dava S. Francisco de Sales. O espírito de união com Deus é como a raiz escondida, humilde, mas sempre ativa da árvore gigantesca da vida salesiana; é como o interior do edifício, que é a parte mais preciosa, mas também muitas vezes desconhecida aos profanos que se satisfazem em admirar o exterior... Daqui deriva no Pe. Rinaldi — como em Dom Bosco — a sua calma característica, serena e confiante, forte, e portanto também tranqüila... e portanto nas mais terríveis evidências não se apavorava, como nos triunfos não se exaltava; sempre igual a si mesmo, serenamente vigilante, sadiamente otimista... e travava portanto com o mesmo cuidado e com a mesma visão sobrenatural um caso de consciência e um assunto financeiro”<sup>50</sup>.

O Pe. Rinaldi aprendera de Dom Bosco a importância que tem para nós o trabalho apostólico; quem não é levado a se sacrificar cotidianamente no trabalho não é feito para nós. Dom Bosco é um santo da ação apostólica e caritativa: sobressai-se neste campo de maneira eminente.

Podemos então compreender as expressões de alegria a que se entregou o Pe. Rinaldi — coisa não habitual nele — quando o Papa Pio XI promulgou as virtudes heróicas de Dom Bosco, depois de tantas objeções e dificuldades nos Processos. Comoveu-o conhecido elogio do Papa: “Uma das mais bonitas características de Dom Bosco — dissera Pio XI — era a de estar presente a tudo, interessado no contínuo e permanente movimento de coisas, entre uma multidão de pedidos e consultas, e *ter o espírito sempre em outro lugar: sempre no alto*, onde o sereno não era perturbado, onde a calma era sempre dominadora e soberana; assim que nele o trabalho era exatamente efetiva oração e realizava-se nele o grande princípio da vida cristã: ‘quem trabalha, reza’ ”<sup>51</sup>.

No primeiro encontro que o Pe. Rinaldi teve (como Reitor-Mor) com Pio XI ousou pedir a *indulgência do trabalho santificado*. Não foi um pedido improvisado; era o resultado de um programa de vida que ele tinha visto realizado pelo Fundador, que tinha feito seu e que considerava importante ser comunicado aos irmãos com o gesto especial e autorizado da indulgência ecle-

<sup>50</sup> Discurso de trigésimo dia, em Cópia publicada e anexada ao processo ordinário de Turim, vol. IV, folha 1173ss.

<sup>51</sup> ACS, 24 de fevereiro de 1927, n. 38, Discurso do S. Padre, p. 555.

sial: pedia-o a um Papa que tinha intuído pessoalmente o segredo de Dom Bosco.

A audiência papal foi concedida ao Pe. Rinaldi a 6 de junho de 1922; ele tinha pensado pedir este “favor especialíssimo para todos os meus amados filhos, para as boas Filhas de Maria Auxiliadora, para os respectivos alunos e ex-alunos de ambos os sexos, para os nossos zelosos Cooperadores e Cooperadoras... um estímulo eficaz que os ajudasse a serem *todo dia mais ativos e ao mesmo tempo mais unidos a Deus*. Em meu parecer, um meio muito eficaz para ajudá-los e incentivá-los todos eles a isto, seria conceder-lhes uma especial Indulgência a ser lucrada toda vez que tivessem unido ao trabalho, ao ensino, à assistência, e assim por diante, alguma devota invocação... (O Papa consentiu respondendo que) para a *laboriosidade salesiana* ser vantajosa *deve estar ligada à união com Deus*, deve estar sempre precedida da *santificação pessoal*... Até agora as Indulgências eram concedidas aos fiéis só com a condição de cumprirem certas práticas piedosas exteriores; mas daqui por diante *os Salesianos as lucram com o seu trabalho*, toda vez que a ele unirem alguma devota invocação, também se breve. Desta maneira conseguirão mais facilmente a sua santificação individual, através da habitual união com Deus”<sup>52</sup>.

Também esta página do Pe. Rinaldi deve ser meditada atentamente. A sua preocupação pela indulgência do trabalho, como estímulo para viver a identidade do espírito salesiano, nos revela qual era o seu conceito de “trabalho”. Uma laboriosidade que seja demonstração de interioridade apostólica, ou seja, de uma profundidade espiritual ou “santificação pessoal” que afaste tantas atitudes de superficialidade; um trabalho que manifeste a união com Deus Salvador como atitude mais elevada e mais completa do espírito. A interioridade salesiana, porém, é autên-

<sup>52</sup> ACS, 24 de junho de 1922, n. 15, p. 16-19. A indulgência do trabalho foi extendida pelo Papa Paulo VI (Constituição apostólica *Indulgentiarum doctrina* de 1.º de janeiro de 1967) a todos os fiéis que o realizam em espírito de união com Deus. Desta extensão nós deveríamos saber utilizá-la no atual relançamento do laicato.

Lê-se no *Enchiridion Indulgentiarum*: “Concede-se indulgência parcial aos fiéis que, na realização dos seus deveres, em suportar as dificuldades da vida, elevam com humilde confiança sua alma a Deus, também só mentalmente com alguma piedosa invocação” (cf. *Enchiridion Indulgentiarum*, 3.ª ed. Livraria Editora Vaticana 1986, p. 33).

tica e se traduz incansável e criativamente em atividades pastorais pela salvação das almas. Um tipo de ação, portanto, que *personaliza* cristãmente o trabalho, evitando o ativismo simplesmente exterior e o automatismo da máquina.

Portanto insistia sobre a santificação do “momento presente”, do cotidiano; nós de fato vivemos só no presente e grande parte dele é trabalho. Comentando o 3.º centenário da morte de S. Francisco de Sales, apresentava-o como o “apóstolo da santificação do momento presente”<sup>53</sup>.

O ponto está em não acreditar que o trabalho enquanto tal, por si mesmo na sua objetividade natural, seja de verdade exteriorização genuína do nosso espírito. *O segredo está todo na pessoa*, da qual o trabalho é um fruto e que, portanto, caracteriza a sua própria fisionomia espiritual. *Só a pessoa santificada produz um trabalho que é oração*. É da pessoa penetrada de caridade pastoral que flui aquela “graça de unidade” que realiza a síntese vital entre união com Deus e trabalho. Na citada Lembrança às Filhas de Maria Auxiliadora o Pe. Rinaldi insiste: “O trabalho não pode substituir a oração, mas sim *transformar-se em oração* ele também, se se possui a vida interior de união com Deus não a intervalos, de tempo em tempo, quase a vida interior seja uma roupa para ser usada só nas festas e durante os exercícios de piedade, para depois guardá-la cuidadosamente antes de iniciar as outras tarefas”. A união com Deus é a verdadeira “*causa criadora*” do trabalho santificado.

— E existe um terceiro aspecto, inteiramente unido aos dois anteriores, que explica o segredo do espírito salesiano: é o da oração pessoal e comunitária.

Certo dia em Valdocco, impressionado pela agitação de certos irmãos, o Pe. Rinaldi exclamou: “É demais! É demais! Não podem depois rezar com calma e tirar todo o fruto das práticas de piedade”<sup>54</sup>. E no Capítulo geral XII (1922), depois da discussão sobre o tema da oração, disse: “Não esqueçamos que o espírito é superior às normas e às regras e que os atarefados batalham muito, mas resolvem pouco. *Com uma sólida piedade se fazem milagres*”<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> Cf. ACS, 6 de janeiro de 1923, n. 17, p. 36.

<sup>54</sup> Summarium, p. 462, n. 1597.

<sup>55</sup> Summarium, p. 441, n. 1524.

No seu Processo ordinário lê-se que tendo escolhido um grupo de irmãos para definir, com eles, a característica do nosso espírito, um dos presentes testemunhou que ele “o definiu com estas palavras: *‘Laboriosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus’*”<sup>56</sup>.

Foi ele quem difundiu na Congregação a leitura de São Francisco de Sales (especialmente o seu famoso “Tratado do amor de Deus”) e dos livros que incentivaram à oração, como “A alma de todo apostolado” do Chautard, “Vida íntima com Jesus” de F. Macourant que ele mesmo mandou traduzir do francês (com outros do mesmo autor sobre a humildade, a pobreza, a obediência e a castidade, porque a sua doutrina relacionava-se com a de S. Francisco de Sales) e várias obras do Faber.

Ele, ainda, para todos era claramente homem de oração: “era — assegura o Pe. Pedro Ricaldone — diligente e diria rigoroso consigo e com os outros, quando tratava-se de práticas religiosas. . . Lia livros de piedade, meditava-os e os assimilava; e a sua conversa demonstrava quanto estivesse unido a Deus”<sup>57</sup>.

Falando de “oração” referimo-nos aqui àquele espaço indispensável de tempo que é dedicado explicitamente ao diálogo com Deus através das práticas de piedade da vida salesiana: meditação da Palavra de Deus, reza da liturgia das horas, leitura espiritual, celebração da Eucaristia, exercício da conversão através do sacramento da Penitência etc. É um espaço diário, de manhã e à noite, com tempos fortes todo mês (retiro mensal e trimestral) e todo ano (Exercícios espirituais). A isto deve-se acrescentar as iniciativas de oração pessoal, as frequentes visitas ao SS. Sacramento, familiaridade com Deus alimentada por contínuas jaculatórias, e a prática de duas devoções privilegiadas que o Pe. Rinaldi procurava difundir com ardente entusiasmo, aquela ao S. Coração de Jesus e aquela a Maria Auxiliadora, mãe da Igreja: via-as perpetuadas nos dois grandes santuários construídos por Dom Bosco: a basílica do S. Coração no Castro Pretório em Roma e aquela de Maria Auxiliadora em Valdocco.

Como conclusão deste argumento sobre a interioridade apostólica salesiana, penso seja útil transcrever algumas reflexões do autor da primeira biografia do Pe. Rinaldi.

<sup>56</sup> Summarium, p. 242, v. 842.

<sup>57</sup> Summarium, p. 286, n. 1001.

O Pe. Céria, que — como dissemos — foi por ele convidado a escrever “Dom Bosco com Deus”, nos dá toda a garantia de interpretar a genuína personalidade do nosso Bem-aventurado: “O Pe. Rinaldi — escreve o biógrafo — apresenta-se com a característica do homem de vida interior. Praticou-a para si, e a apresentou aos outros. Era sua convicção que para viver de acordo com o espírito de Dom Bosco, era preciso não perder de vista sua vida interior... A vida interior é o sentido espiritual que deve acompanhar-nos, é a presença de Deus em nós, lembrado, invocado, amado... Prestai atenção que a verdadeira fisionomia de Dom Bosco não a apresentam as obras... A vida religiosa é vida interior, vida do espírito; quem quiser salvar as almas, deve ter o espírito de Deus... Há famílias religiosas que se dedicam só à vida contemplativa: mas não é possível que existam famílias religiosas que não cultivem a vida interior, apesar de serem consagradas às obras do apostolado... Assim desejava que se estudasse Dom Bosco para imitá-lo em sua vida interior... Eis quase um lugar comum das suas exortações, especialmente no último ano de vida... Numa conversa familiar a 3 de março de 1930 afirmava que a vida interior de Dom Bosco não tinha sido ainda escrita. Há dificuldades, porque pouco manifestou o seu ânimo. Será preciso pesquisá-la através dos sonhos, dos escritos, das cartas e da tradição... Quando se quer falar dele, dever-se-ia falar como Chautard fala do apostolado. E insistia: Dom Bosco não é conhecido como deveria ser nem por nós Salesianos. Facilmente deforma-se a figura. Dom Bosco é todo de Deus e com Deus. Se trabalhava, se se mexia, era unicamente pelas almas: ele só via as almas”<sup>58</sup>.

Depois desta citação acredito que não é enfático e exagerado afirmar que o Pe. Rinaldi se levanta em nossa Família como o mais genuíno e autorizado intérprete da interioridade apostólica própria do espírito de Dom Bosco. É suficiente sublinhar que a “graça de unidade” que assegura a síntese vital do nosso espírito permanece iluminada pelo Pe. Rinaldi com o maravilhoso aprofundamento dos três aspectos que temos visto: aquele fundamental da mística do “da mihi animas”, aquele encarnado do compromisso ascético do “trabalho” cotidiano, e aquele vitalizante, pessoal e comunitário, da “oração”.

<sup>58</sup> CERIA, o.c., p. 437-442.

É uma visão clara e fundamental. Assinalar e desenvolver esses conteúdos é para nós hoje de máxima atualidade.

### Protótipo de “bondade pastoral” com a sua paternidade

A “bondade” que é a segunda característica do espírito salesiano que queremos comentar, manifestou-se no Pe. Rinaldi como “paternidade”.

Prefiro utilizar neste subtítulo a palavra “bondade” no lugar de “paternidade”, porque é mais amplo e compreensivo. Em todo caso o Pe. Rinaldi ensinava aos próprios noviços (lembram-no ainda alguns) que desde o noviciado deviam aprender a serem “pais”.

Deve-se notar que o Pe. Rinaldi foi “Superior” praticamente durante todo o tempo de sua vida sacerdotal, ou seja, de 1883 até o fim, por mais de 48 anos de ministério. Assim, nele, a “bondade” própria do espírito de Dom Bosco foi-se realizando em um exercício paterno da autoridade: uma paternidade sincera, constante, suave e forte, como expressão da predileção salesiana pelos jovens e do espírito de família em casa.

Todas as testemunhas que falaram nos dois Processos realizados em Turim sobre suas virtudes foram unânimes e calorosos em afirmar que a “paternidade” foi a sua atitude mais eminente e distinta, e falaram como se ainda se sentissem envolvidos pelo seu olhar afetuosos. Cada um lembra um sorriso, uma palavra encorajadora, uma acolhida afetuosos, um gesto de compreensão, de perdão e de generosidade, uma atitude de governo paternal, uma atenção igual para todos, um conselho iluminado, uma paciência inesgotável, uma conversa tranqüilizadora, uma capacidade de simplicidade evangélica diante de todo e qualquer acontecimento. A paternidade, pois, era acompanhada por uma maneira de fazer espontânea e bonachona que anulava todas as distâncias e ia direto ao coração, levando para todo lugar serenidade e alegria. “*O coração do Pe. Rinaldi*” é o título acertado de uma biografia dele, escrita com “intelecto de amor” pela srta. L. Larese-Cella<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> L. LARESE-CELLA, *Il cuore di don Rinaldi*, LICE-R. Berruti & C., Torino, 1952

Em uma das últimas circulares, quase como testamento espiritual, ele escreveu: “A tradição mais importante e vital para nós é a paternidade. O nosso *Fundador nada mais foi do que pai*, no sentido mais nobre da palavra; e a santa Igreja invoca-o na liturgia de Pai e Mestre”. E continua com mais alta perspectiva: “Toda a sua vida é um tratado completo sobre a ‘paternidade’, que nasce do Pai celeste, ‘de onde vem toda paternidade, no céu e na terra’<sup>60</sup> e que Dom Bosco praticou aqui em máximo grau, quase único, *para com a juventude e para com todos*, nas mil contingências da vida, para alívio de todas as misérias temporais e espirituais, e com tal decisão e sacrifício de si, na grandeza do seu coração, imenso como a areia do mar, tornando-se tudo para todos para ganhar as almas juvenis e levá-las a Deus. E como a sua vida foi só paternidade, assim a sua obra e os seus filhos não podem viver sem ela... Parece-me estar ainda vivo e gozar de sua maravilhosa familiaridade de olhar, de voz, de trato e de obras: *‘familiaridade super maravilhosa’* também lá de cima”<sup>61</sup>.

Como se pode perceber a bondade que o Pe. Rinaldi engrandecia no espírito salesiano, que não se cansava de recomendar aos irmãos, não era só expressão de um sentimento humano e natural para com os jovens e em casa. *Ela é “bondade pastoral” que vem do alto*: nasce, isto é, da paternidade divina, é fruto da união com Deus que traduz o “da mihi animas” em uma metodologia de amizade e compreensão. Quem vive o espírito salesiano torna-se pastoralmente “bom” (paterno e materno) para com os jovens, as pessoas e mutuamente com os irmãos e as irmãs em casa, porque sente profundamente no seu coração que Deus é “pai”, que Deus nos ama e se doa a nós e quer que cada um seja “sinal e portador” do seu amor.

Quando o Pe. Rinaldi falava de Deus apresentava-o normalmente como “Pai”.

Este foi certamente o seu testemunho mais atraente. Dom Marcelino Oleachea, basco e com um temperamento forte, testemunhou nos Processos que nunca encontrou um sacerdote que lhe “tenha apresentado mais alta idéia da paternidade afetiva de Deus”<sup>62</sup>.

<sup>60</sup> Ef 3,15.

<sup>61</sup> ACS, 26 de abril de 1931, n. 56, p. 939-940, p. 933.

<sup>62</sup> Summarium, p. 363, n. 1230.

Alguém, talvez, poderia ficar satisfeito simplesmente na contemplação desta paternidade nas relações do Pe. Rinaldi com os irmãos ou com as Filhas de Maria Auxiliadora; neste sentido poderia reunir uma abundante e tocante documentação, como em parte pode-se ver também nas biografias dele até agora escritas.

Também nós aqui queremos ampliar este aspecto tão característico com a finalidade de penetrar melhor o “espírito salesiano” e ver porque ele comporta constitutivamente, para todos os membros da Família, uma verdadeira e perceptível “bondade pastoral” visando os destinatários.

Certamente a paternidade testemunhada e inculcada pelo Pe. Rinaldi deve ser considerada por todos os Diretores e Superiores (e a correspondente “maternidade” das Diretoras e Superiores) como a peculiar modalidade de exercer a autoridade entre nós. Ele mesmo afirmou muitas vezes: “O superior salesiano deve saber entregar-se. Está à disposição de todos, dia e noite. Deve estar pronto a receber qualquer um, a qualquer tempo. Em primeiro lugar a sua comunidade, os seus filhos. Ele deve deixar de lado os seus interesses, os seus livros, outras obras, até a oração... Acima de tudo deve ser desejoso de ouvir. Os irmãos necessitam disto”<sup>63</sup>.

Mas a atitude da “bondade” salesiana tem espaços mais amplos, relacionados em primeiro lugar com a juventude. Deduz-se isso das conferências, sermões, escritos, orientações variadas e até dos bilhetinhos por ele endereçados filialmente a Nossa Senhora.

Vejam algumas componentes que iluminam sua natureza e que intensificam seu crescimento: primeiramente o “*amor pelos jovens*” como aplicação do Sistema Preventivo, e depois a importância do “*sacramento da Penitência*”, o cuidado com o “*espírito de família*” em casa, e o domínio de si na “*temperança*”.

— Um primeiro elemento fundamental da bondade salesiana é o que, partindo do “*da mihi animas*”, comporta um amor de *predileção pela juventude necessitada* com tamanha intensidade que se traduz na *práxis pastoral do Sistema Preventivo*. É, portanto, uma bondade paterna e materna pedida pelas exigências da salvação dos jovens. É um exercício prático de caridade: “É

<sup>63</sup> RINALDI, o.c., p. 95.

bom não esquecer — escreveu o Pe. Rinaldi — que o Salesiano não é um teórico da pedagogia mas um educador... A nossa pedagogia está inserida na vida salesiana”<sup>64</sup> e as suas páginas são o pátio, as salas de aula, o refeitório, a igreja, o dormitório, o passeio.

A sabedoria indispensável do educador salesiano brota cotidianamente da “bondade pastoral” que é amor sobrenatural, como deixou escrito o próprio Dom Bosco: “A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo que diz: a caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Por isso, somente o cristão pode aplicar com sucesso o sistema preventivo”<sup>65</sup>.

Nas suas conferências pedagógicas o Pe. Rinaldi insiste sobre a *genialidade do coração*, acompanhada também por um adequado nível de conhecimentos pedagógicos; o coração exige que os educadores sejam amigos, que se façam amar e saibam utilizar os meios apropriados a um ambiente juvenil (estudo, sim, e religião, mas também música, teatro, brincadeiras, turismo etc.), ao ponto de formarem juntos uma verdadeira família: “*a casa-família foi o ideal de Dom Bosco*”... na educação da juventude devemos orientar a cabeça, o coração e a alma; com a educação exterior dificilmente chega-se ao coração, à cabeça e à alma. Dom Bosco dizia que para governar o coração é preciso visar o interior. É esta a característica da Congregação. Dom Bosco com os seus filhos era o pai e oferecia-lhes inteiramente o seu coração”<sup>66</sup>.

Portanto, um primeiro elemento da bondade salesiana é a prática do amor de predileção pelos jovens com o Sistema Preventivo.

— Um segundo aspecto, bastante querido ao Fundador, e lembrado insistentemente pelo Pe. Rinaldi, é o exercício da paternidade espiritual que se realiza na *celebração do sacramento da Penitência*. Aí, sobretudo, o Diretor (e os irmãos padres) aprendem a exercer e a crescer na verdadeira paternidade. “Para Dom Bosco o educador representa Deus. Os garotos precisam sentir a

<sup>64</sup> ACS, 24 de setembro de 1926, n. 36, p. 497-498.

<sup>65</sup> Regulamento para as casas da Sociedade de S. Francisco de Sales, Tipografia Salesiana, Turim 1877, p. 3-13.

<sup>66</sup> VALENTINI, o.c., passim.

autoridade divina. Esta é a razão das razões. Se vós colocais um jovem debaixo desta razão de ordem superior, sob o olhar de Deus, então a coisa torna-se mais simples... As orações, a S. Missa e os Sacramentos recebidos com freqüência, são um grande meio de educação. Mas não são um meio de disciplina... Quando esta freqüência não é espontânea e convicta torna-se um meio para arruinar os jovens. Deve existir antes a formação à piedade”<sup>67</sup>.

Portanto: a celebração do sacramento da Penitência como elemento vitalmente presente na obra educativa, não como ato mágico e disciplinar, mas *como mediação da paternidade divina*.

Ele insistia de maneira particular sobre a importância de os Diretores e os Salesianos presbíteros se comprometerem livremente e muito na administração deste sacramento, que comporta para os padres um exercício concreto de união com Deus a favor dos outros. Lamentava a interpretação demasiado fechada do decreto de 1901; esse proibia sem dúvida aos Diretores de confessarem os irmãos de sua casa, mas nada mais além disso. Portanto lembrava com insistência que a administração e a freqüência deste sacramento forma a parte viva do clima de família de Dom Bosco.

Também aqui nos é confortador transcrever uma página bem significativa das circulares do Pe. Rinaldi.

“O exercício exterior da paternidade é novamente transmitido ao diretor da casa... e *Dom Bosco a transmitiu aos seus diretores* quase unida ao ato e à realidade mais sublime da *regeneração espiritual* no exercício do poder divino de remeter os pecados. Dom Bosco exerceu ininterruptamente por toda a vida e com especial predileção este poder divino em favor dos seus jovens. Confessá-los era sua tarefa preferida e não a trocava com nenhuma outra. Confessava-os logo que se levantava, durante o dia, em todas as horas, sempre; e de noite continuava muitas vezes até meia noite.

Logo que conquistava a confiança de um jovem, convidava-o logo a se confessar, e sabia fazê-lo com tanta paternidade sobrenatural que o jovem, não só não sabia recusar, mas experimentava um grande prazer e abria-se naturalmente todo o coração. Eu mesmo experimentei isso...

<sup>67</sup> Ib. p. 39.

Dom Bosco com a sua palavra fazia amar a confissão... *nela era o grande conquistador dos corações*; experimentava os frutos maravilhosos e parecia estar seguro que o mesmo poderiam fazer os seus sucessores e diretores das suas casas...

O Pe. Rua, recebida a ordem da S. Sé, dócil e obediente, promulgou logo as ordens claras para a atuação das novas disposições nas nossas casas. Assim os Superiores e os Diretores interromperam o exercício desta sua paternidade espiritual sobre os súditos. Mas com o pretexto de evitar qualquer inconveniente, num primeiro tempo passou-se além daquilo que pedia o dispositivo do decreto: os Diretores retraíram-se até de confessar os jovens, coisa que não é proibida a nenhum sacerdote aprovado, qualquer que seja o cargo que ocupa no Instituto...

Meus queridos Inspetores e Diretores, *esconjuro-vos* pelas entranhas da caridade de N. S. Jesus Cristo *que façais reviver em vós e ao redor de vós esta tradição da paternidade espiritual*, que infelizmente vai-se apagando, com grande prejuízo para as almas juvenis e para a nossa fisionomia salesiana. Recomeçai a obra que, na mente e no coração de Dom Bosco, deve ser a primeira e a mais importante para o Diretor pai. Sede verdadeiramente *pais da alma* dos vossos jovens. Não abdiqueis de vossa paternidade espiritual, mas exercitai-a”<sup>68</sup>.

Nesta página sente-se vibrar claramente a convicção do Pe. Rinaldi!

Hoje é preciso refletir bastante sobre este aspecto que foi, entre nós, a fonte da paternidade e o meio que assegurava aquela bondade pastoral que deveria distinguir-nos na Igreja. Quanta responsabilidade têm os Salesianos padres no crescimento ou menos do estilo de bondade em toda a nossa Família; e quanta, todos os outros, em criar um clima favorável para a frequência do sacramento da Reconciliação. É urgente que devolvam importância a este sacramento todos aqueles que querem viver a bondade salesiana, aplicando integralmente o Sistema Preventivo.

— Um terceiro aspecto que assegura, defende e incrementa a bondade pastoral é o “*espírito de família*” vivido em casa entre irmãos e irmãs. É fruto do comum “*da mihi animas*”, é natural exigência do nosso método educativo, e é tarefa privilegiada e

<sup>68</sup> ACS, 26 de abril de 1931, n. 56, p. 940-942.

constante do exercício das responsabilidades próprias de quem dirige a casa.

O estilo salesiano comporta constitutivamente a formação de um ambiente de família com “um coração só e uma só alma”. Pensando depois que a comunidade salesiana local é sujeito da missão, como poderá ela irradiar bondade pastoral se não vive em alegre comunhão fraterna?

O Pe. Rinaldi como superior distinguiu-se sempre pela preocupação de criar uma família em casa. Dele, jovem diretor em Sarriá (com 33 anos e apesar de ser jovem) os irmãos diziam que demonstrava mais afeto de pai do que autoridade de superior. Nomeado Inspetor da Espanha, formulou vários propósitos que podem ser resumidos nesta frase lapidar: “serei pai!”<sup>69</sup>.

Como Reitor-Mor escrevia aos irmãos: “Dom Bosco, *mais do que uma sociedade, entendia formar uma família*, apoiada quase unicamente sobre a paternidade suave, amável, vigilante do superior, e sobre o afeto filial, fraterno dos súditos, aliás, apesar de manter o princípio da autoridade e respectiva submissão, não desejava distinções, mas igualdade em todos e em tudo”<sup>70</sup>.

O espírito de família faz florescer a comunhão fraterna para alcançar os objetivos pastorais, sem comodismo de burgueses e sem desvios individualistas: “o bem que devem realizar os filhos de Dom Bosco nunca falta. Na quase totalidade, cada um, além do trabalho principal entregue a ele pela obediência sempre terá outros secundários que sozinhos seriam suficientes para ocupar um outro irmão.

Este *super-trabalho* é quase uma característica da vida salesiana, e é aceito com generosidade... Mas não é possível ser membro da nossa Sociedade sem ter principalmente a peito o bem da própria Sociedade; se seus membros forem puramente individualistas, seria o fim para a Sociedade, e os seus membros não seriam outra coisa que uma massa sem a própria razão de vida”<sup>71</sup>.

Portanto uma bondade partilhada num clima de família unida, toda voltada aos destinatários e incansavelmente laboriosa na missão comum.

<sup>69</sup> Cf. CERIA, o.c., p. 93ss.

<sup>70</sup> ACS, 24 de janeiro de 1924, n. 23, p. 179.

<sup>71</sup> ACS, 6 de janeiro de 1929, n. 47, p. 710.

— Finalmente, um outro aspecto que contribui para assegurar a bondade pastoral de cada um de nós é a *constante ascese do domínio de si*, ou seja, o cuidado com a virtude cardeal da “*temperança*”, no sentido explicado pelo Pe. Rinaldi nos seus comentários ao sonho dos dez diamantes. Falando do diamante da “*temperança*” (no sentido mais amplo do que a “*mortificação*”, indicada pelo diamante do “*jejum*”), dizia: “o Salesiano deve saber dominar-se, não anda com os olhos fechados, abre-os mas não vai mais além: se isto não está bem, pára. Dono de si também no jogo; senhor da situação com o garoto que o deixa desesperado; capaz de calar, de saber esconder, de falar no devido tempo, de ser esperto!”<sup>72</sup>.

Nesta visão da temperança, como participação pessoal e cotidiana à realza batismal, dominando a si mesmo, ocupa um lugar privilegiado, além da paciência, a *fundamental virtude da “humildade”* porque ajuda a cultivar a “*mansidão*” seja no seu aspecto de benignidade como naquele de moderação; ela assegura ao salesiano aquela atitude pedagógico-pastoral do “*fazer-se amar*” tão recomendado por Dom Bosco e não muito fácil.

Em relação à “*humildade*” amável e atraente do Pe. Rinaldi, o seu imediato sucessor Pe. Pedro Ricaldone afirmou nos Processos: “Vimo-lo sempre humilde no porte, no falar e no agir. Como já disse, tinha um conceito muito diminuto de si mesmo, e não lembro tê-lo ouvido falar de si. Considerava-se indigno toda vez que foi promovido a qualquer cargo. Nos últimos anos, quando sentia diminuir as forças, teve o pensamento de renunciar ao cargo e apresentar as demissões à S. Sé. A sua humildade era sempre revestida de bondade e de doçura. Foi sempre acolhedor e pela sua maneira de agir compreendia-se que *se considerava o servo de todos*. Acrescento que a sua humildade era entendida corretamente, e não lhe impedia de ocupar o seu lugar, seja como Diretor, como Inspetor, Prefeito geral e Reitor-Mor, com o devido decoro. E enquanto praticava ele mesmo a humildade, e todas as outras virtudes de que falei, não deixava de inculcá-las com carinhosa e forte insistência aos irmãos”<sup>73</sup>.

A uma noviça das Filhas de Maria Auxiliadora que lhe pedia conselhos para a sua formação, o Pe. Rinaldi respondia: “Presta

<sup>72</sup> ACG, abril-junho de 1981, n. 300, p. 17-18; cf. p. 11-12.

<sup>73</sup> Summarium, p. 293-294, n. 1032-1033.

atenção à formação do espírito; sobretudo ao amor próprio. Humilha-o dentro de ti. Deves imitar a humildade do Coração de Jesus. O resto é vaidade e estultice. Não percas um dia do teu noviciado sem progredir no espírito de Deus, isto é: na piedade, na caridade, *na humildade de coração*, no sacrifício, no esquecimento de ti mesma. Faze desaparecer a Maria (— assim chamava-se a noviça —), para que fique só Nosso Senhor, que te quer santa de mente e de coração, de alma e de corpo”<sup>74</sup>.

Portanto: o Pe. Rinaldi nos ilumina, através da sua incomparável paternidade sacerdotal, a individualizar na bondade salesiana quatro *aspectos verdadeiramente indispensáveis*: o do amor de predileção pela juventude na prática constante do Sistema Preventivo, o do lugar privilegiado a ser dado na educação à celebração viva e amada do sacramento da Penitência, o de um fraterno espírito de família na comunidade, e o do constante domínio de si para “fazer-se amar”.

*Se unimos estes aspectos aos três anteriores* que temos sublinhado tratando da interioridade apostólica, temos um interessante quadro descritivo das qualidades que caracterizam, no pensamento do Pe. Rinaldi, o espírito salesiano de Dom Bosco.

## Intercessor e guia para toda a Família

O fato da beatificação assegura a todos que o Pe. Rinaldi nos acompanha ainda do céu. A comunhão com a Igreja celeste reforça assim o nosso coração de esperança: também o novo Bem-aventurado é intercessor e guia!

Na circular escrita após a beatificação de Dom Bosco com o triunfal traslado de seus restos mortais de Valsállice a Valsdocco, ele expressou a sua emoção e a sua alegria com palavras vibrantes: parecia-lhe iniciasse *uma nova era* para a vida salesiana, caracterizada, de um lado, pela novidade dos tempos, mas, de outro, já vinculada — com certeza eclesial — à santidade do Fundador.

Considerava este fato uma certeza de futuro para a nossa Família: “compreendi — escreve — *Quem* tornava-se Dom Bosco

<sup>74</sup> Carta à Irmã Maria Lanzio, 24 de março de 1924, ACS, 9.31 Rinaldi.

para nós. Sem mesmo deixar de ser aquilo que para nós sempre foi... naquele instante *tornou-se o modelo seguro da nossa vida:*

- *luz colocada sobre o candelabro para iluminar o mundo;*
- *o ministro fiel escolhido pelo seu e nosso Senhor Jesus Cristo para distribuir seus bens aos necessitados;*
- *o nosso particular intercessor junto da Virgem Auxiliadora...*

Compreendi qual devia ser o nosso espírito, qual a vida do nosso corpo individual e social... Na basílica o seu amor tornou-se realmente inseparável daquele da sua poderosa Auxiliadora... e *pareceu-me que uma voz*, suave e paterna, já ouvida em outros tempos, descesse da glória para dizer-me: *'Dei-vos o exemplo. Sede meus imitadores!'* Fazeri como fiz eu e então a minha querida Congregação será sempre próspera, como me apareceu quando viva nesse mundo, na visão feita em S. Benigno (— trata-se do sonho dos diamantes —): *'a caridade compreende tudo, suporta tudo, vence tudo: falemos dela com palavras e com fatos... Sereis espetáculo para o mundo e os anjos e então será glória vossa a glória de Deus'...*

Se *a nova época* da nossa vida salesiana, há pouco iniciada, terá sempre por norma os exemplos de Dom Bosco; se a nossa missão educadora se desenvolver ininterruptamente sob sua proteção, então aumentaremos e multiplicaremos ao infinito... o imenso tesouro da educação cristã como o nosso Fundador a entendia”<sup>75</sup>.

Algo de semelhante (também se de passagem e no contexto de herança guardada e feita frutificar) podemos repetir nós hoje em relação à próxima beatificação do Pe. Rinaldi. Nós hoje pensamos que estamos no *início de uma nova época* da nossa vida salesiana, repensada laboriosa e comunitariamente durante vinte anos na fidelidade às origens, na órbita do Concílio Vaticano II como resposta às interpelações dos novos tempos. Portanto, a figura do Pe. Rinaldi “Bem-aventurado” nos aproxima extraordinariamente e com atraente atualidade ao Fundador; ilumina e desenvolve os conteúdos do seu carisma com sentimentos filiais, fixos no mais indiscutível conhecimento do seu espírito e

<sup>75</sup> ACS, 9 de junho de 1929, n. 49, p. 767-771.

do seu coração; a sua empreendedora e sábia capacidade de desenvolver as sementes ainda escondidas nos lembra que todo dinamismo criativo deve brotar da plena sintonia com o seu mais genuíno espírito.

A santidade do novo Bem-aventurado é garantia de fidelidade dinâmica. Faz-nos compreender que o Espírito Santo uniu nele o passado ao futuro no crescimento homogêneo do mesmo carisma sem impulsos arbitrários e desviantes, sem recuos estáticos, acima de tantas fugazes miragens ideológicas.

É sugestivo pensar que o Pe. Rinaldi tornou-se santo dedicando-se totalmente — e pode-se dizer exclusivamente — a fazer viver e a fazer crescer o espírito de Dom Bosco. É este, penso, o mais bonito significado da sua vida de “superior salesiano”, ou seja, de testemunha, de anunciador e de propulsor do patrimônio recebido em herança.

A chegada da sua beatificação, pois, nos assegura que ele continua como “*intercessor*” a mesma ação que exerceu durante a sua vida, também se de maneira diferente; agora o faz ao lado de Dom Bosco santo, do bem-aventurado Pe. Rua, de Santa Maria Domingas Mazzarello e de tantos irmãos glorificados.

Esta sua atividade, porém, nós a devemos interpretar refletindo sobre o que ele nos deixou como ensinamento em vida. Neste sentido olhamos para ele como “*guia*” seguro que nos ensina a enfrentar com autenticidade salesiana as exigências próprias do progredir dos tempos.

Considerando a figura e a importância histórica do Pe. Rinaldi, poderíamos ter focalizado tantos outros aspectos que não temos tratado; alguns, apesar de importantes e aliás essenciais, mas em certo sentido ‘quentes’, são: a centralidade de vida no Cristo, o sentido da cruz e a oblatividade (que poderia ser aprofundada especialmente por alguns Grupos da nossa Família), a devoção mariana, a sincera e forte adesão ao Sucessor de Pedro, a doutrina sobre a vida consagrada, o conceito de pobreza e de administração dos bens temporais, a visão dinâmica e social do oratório, o extraordinário ardor organizativo para as Missões etc.

Nós, porém, preferimos fazer aflorar, nesta carta, o seu dinamismo que ficou sempre um pouco escondido, para depois focalizar a atenção sobre aquilo que constitui a mensagem mais original que nos deixou.

Acreditamos encontrar, nisso, a sua atualidade. Focalizamos aí a nossa atenção, sem pretender esgotar os conteúdos, mas com a alegria de poder constatar que a sua atividade abraça o horizonte de toda a Família Salesiana, fazendo-nos admirar nele o autorizado precursor que ilumina e assegura um dos atuais grandes caminhos<sup>76</sup> da nossa renovação pós-conciliar.

E deixem-me acrescentar, seguindo as pegadas do Pe. Rinaldi — que são aquelas de Dom Bosco — que insisti muito sobre a “interioridade apostólica” como elemento vital para animar, alimentar, levar ao mais alto grau possível de amadurecimento pessoal e comunitário; fiz isso porque a tentação de colocar o pé no acelerador da ação deixando de lado o “da mihi animas”, ou seja, uma contínua interioridade de união com Deus Salvador, é real entre nós e traz graves danos à atitude orante da caridade pastoral. A *graça de unidade* deste ardor pelas almas incentiva sempre simultaneamente à oração e ao trabalho, que são os dois pulmões com que respira o salesiano, na perfeita adesão à vontade de Deus.

O testemunho do Pe. Rinaldi é um hino a esta “graça de unidade”, em que a intensidade dos tempos dedicados à oração impulsiona preponderantemente para a ação pastoral e o trabalho apostólico incansavelmente reimpulsiona constitutivamente para a oração.

De fato lê-se no documento Vaticano sobre a “Dimensão contemplativa de toda vida religiosa” que a verdadeira ação apostólica (portanto não qualquer ação) está unida intrinsecamente à atitude orante: “a própria natureza da ação apostólica e caritativa — cito — contém uma própria riqueza que alimenta a união com Deus: é preciso cuidar cotidianamente de sua consciência e de seu aprofundamento. Tomando consciência, os religiosos e as religiosas santificarão de tal maneira as atividades, ao ponto de transformá-las em fonte de comunhão com Deus, ao serviço do qual são dedicados por novo e especial título (LG 44)”<sup>77</sup>.

Queridos irmãos, os meus insistentes pedidos a vencer a praga da superficialidade seriam palavras vazias de todo sale-

<sup>76</sup> Cf. ACGS XX, 1972, p. XVIII-XX.

<sup>77</sup> SCRIS, Vida religiosa: a sua dimensão contemplativa, 12 de agosto de 1980, n. 6.

siano, à escola do Pe. Rinaldi, não desse ao “ardor pelas almas” aquela intensidade e aqueles espaços indispensáveis para garantir a autêntica “graça de unidade” da caridade pastoral.

### **Testemunha da mensagem vital de “Dom Bosco modelo”**

Antes de concluir, desejo convidar todos a se prepararem, em sintonia de coração, com sincero reconhecimento e com reflexão de fé a esta bem significativa beatificação. É um especial dom de Deus pelo crescimento sadio e vigoroso do nosso carisma às vésperas do Terceiro milênio.

O Pe. Rinaldi interceda e guie o nosso caminho para frente na educação à fé de inúmeros jovens no mundo.

Também eu, que escutei — apenas adolescente — a sua voz, poderia sugerir a vocês algo de semelhante ao que ele escreveu por ocasião da beatificação de Dom Bosco. Imagino ver o Pe. Rinaldi, Bem-aventurado, segurando na mão o novo texto das Constituições; admira-o como a “cópia passada a limpo”, pre-anunciada por Dom Bosco. Abrindo-o, indica-nos uma paginazinha da qual deve gostar muito, porque descreve sinteticamente o esforço que caracterizou toda a sua vida; trata-se do artigo que propõe Dom Bosco como nosso modelo. Ouçamo-lo como se ele o estivesse lendo: “O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando nele esplêndida harmonia de natureza e graça. Profundamente homem, rico das virtudes do seu povo, era aberto às realidades terrenas; profundamente homem de Deus, cheio dos dons do Espírito Santo, vivia “como se visse o invisível”. Esses dois aspectos fundiram-se num projeto de vida fortemente unitário: o serviço dos jovens. Realizou-o com firmeza e constância, por entre obstáculos e cansaças, com a sensibilidade de um coração generoso. ‘Não deu passo, não pronunciou palavra, não pôs mão a empreendimentos que não visasse à salvação da juventude... Realmente tinha a peito tão somente as almas’ ”<sup>78</sup>.

Penso seja sobretudo isto que nos recomendará o Pe. Rinaldi no dia da sua beatificação.

---

<sup>78</sup> Const. 21.

Peçamos-lhe desde já que, juntamente com Dom Bosco e Madre Mazzarello, interceda para o desenvolvimento dos próximos Capítulos Gerais, para que o clima respirado pelos Capítulos seja aquele de uma forte interioridade apostólica como nas origens, de modo que as orientações e as diretrizes finais resultem um precioso estímulo para relançar, em Família, a verdadeira mística salesiana do “da mihi animas” num projeto de vida fortemente unitário.

Meditemos e rezemos: que cada um faça tesouro do magnífico testemunho do Pe. Rinaldi e que os conteúdos desta carta circular sejam argumento de reflexão nos retiros espirituais!

Apresento a todos a minha cordial saudação com os melhores votos de Natal e Ano novo.

Afeiçoadíssimo no Senhor,



P. Eudário Ciparió

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

---

### 4.1. Crônica do Reitor-Mor

O Reitor-Mor iniciou o mês de outubro em Turim-Valdocco, quando entregou o Crucifixo aos missionários no santuário de Maria Auxiliadora. Anteriormente participara, no Colle Don Bosco, ao encerramento do Congresso do Voluntariado Internacional Salesiano (VIS).

No dia 9 do mesmo mês inaugurou o novo ano acadêmico na Faculdade de Ciências da Educação no Auxilium, tratando o tema da cultura.

No dia 12 viajou para o Brasil: em Cachoeira do Campo esperavam-no os Inspetores e os Diretores das seis Inspetoriais do País para os Exercícios espirituais. Inaugurara antes, em Belo Horizonte, o novo bem aparelhado Centro de Comunicação (Sistema Salesiano de Videocomunicação). Depois dos Exercícios, visitou o magnífico Centro de documentação salesiana em Barbacena e, finalmente, esteve em Porto Alegre para falar no Congresso da Família salesiana sobre o Sistema Preventivo.

De volta a Roma, no dia 21 de outubro, ausentou-se novamente no dia 27 para participar dos dois dias de comemoração do 50.º aniversário do Instituto Salesiano "Bearzi" de Udine.

No dia 3 de novembro concluiu o Seminário de espiritualidade salesiana na UPS.

Nos dias 18 e 19 de novembro esteve em Lugano para a comemoração cívica oficial do centenário da presença salesiana na Suíça.

De volta participou em Frascati (Villa Cavalletti), de 22 a 25, do Congresso anual dos Superiores gerais.

No dia 5 de dezembro começaram as reuniões do Conselho geral. No

dia 8 de dezembro, festa da Imaculada, esteve em Gaeta, onde de manhã recebeu o título de cidadão honorário das mãos do prefeito da cidade; na parte da tarde inaugurou oficialmente o Instituto de Ciências da Comunicação Social (ISCOS) na UPS.

Finalmente, assinalamos a *feita anual do Reitor-Mor*, celebrada na Inspetoria Novarese-Helvética nos dias 15-17 de dezembro. Chegados a Asti na tarde do dia 15, o Reitor-Mor e os Conselheiros gerais foram recebidos pelo Inspetor e pela comunidade, participando — depois do jantar — de um encontro de oração com os jovens e a Família Salesiana. O dia seguinte foi marcado por alguns momentos significativos: de manhã em Borgo San Martino o encontro com os jovens das escolas de 2.º grau da Inspetoria, e à tarde no palácio dos esportes de Novara a reunião familiar e festiva sempre com os jovens e a Família Salesiana. Depois da visita a Borgomanero e a cordial hospitalidade na casa de espiritualidade das FMA em Pella, às margens do lago de Orta, no domingo dia 17 houve o encerramento em Novara com a reunião fraterna dos irmãos e a concelebração eucarística.

### 4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais

#### *O Conselheiro para a Formação*

O Conselheiro para a Formação, P. Paulo Natali e os membros do Dicastério dividiram o seu trabalho entre visitas de animação, participação ao simpósio sobre a "Espiritualidade salesiana" e a elaboração de "Sussidi/3".

Em particular, seguindo a ordem, o P. Natali visitou o noviciado de

Pinerolo, o noviciado e o estudantado teológico de St Genis Laval (Lyon).

Um mês mais ou menos, ocuparam-no os encontros em todas as comunidades formadoras e os estudantes do Extremo Oriente: nas Filipinas, na Inspeção de Hong Kong (Hong Kong, Macau, Taiwan), na Coreia, Japão e Tailândia; finalmente em Portugal (Manique-Estóvil, Porto-Residência, Vilarinho, Mogofores), na Austria (Oberthalheim, Horn, Unterwaldersdorf), na Alemanha Munique (Benedikt beuern).

Foram particularmente cuidadosos os encontros com os responsáveis das comunidades formadoras, com os professores dos nossos centros de estudos, e depois com os conselhos inspetoriais e com as Comissões inspetoriais de Formação para concordar e encaminhar possíveis soluções aos problemas encontrados na atualização dos projetos formativos da "Ratio".

Além das visitas a algumas comunidades de Roma e da Itália (Lanúvio, Testaccio, Gerini, San Tarcisio, Nave), o Conselheiro participou do Congresso sobre "A espiritualidade salesiana: esclarecimento sobre a identidade e propostas de ensino". Reservado aos docentes de espiritualidade salesiana SDB e FMA, teve uns 40 participantes. Os temas desenvolvidos foram de conteúdo e método e houve intercâmbio de experiências e propostas.

No Dicastério o trabalho mais importante foi o da última revisão de "Susside/3" — "Para uma leitura de Dom Bosco: Traços de história salesiana", impresso nos primeiros dias de dezembro de 1989.

A isto deve-se acrescentar as atividades várias de pregação, de apresentação do livro "O Salesiano

Coadjutor" e de atualização dos dados.

#### *O Conselheiro para a Pastoral juvenil*

No fim de julho de 1989 o Dicastério mandou para as Inspeções o DOSSIER PG5 com o título "Salesianos como e porque", sobre o compromisso vocacional proposto pela Estréia deste ano. Das respostas chegadas, vê-se que o DOSSIER está se tornando um meio esperado de comunicação pastoral entre as Inspeções de contextos diferentes e longínquos.

O Dicastério está também avaliando a caminhada feita pelas Inspeções em relação à experiência associativa. Por isso distribuiu um questionário que permitirá confrontar os dados atuais com aqueles recolhidos em 1984. As respostas recebidas estão sendo estudadas neste momento. Os resultados serão oportunamente comunicados.

No início de setembro o Conselheiro enviou aos Inspectores e às equipes inspetoriais de Pastoral uma reflexão com o título "Na direção de uma nova etapa de Pastoral juvenil". Ela relaciona-se com a caminhada feita nos últimos anos pela Pastoral Salesiana e com algumas características com que ela se apresenta hoje, com os relativos questionamentos sobre as direções a serem tomadas no imediato futuro. Pretende preparar o terreno para a recepção e ampliação das orientações do próximo Capítulo geral sem solução de continuidade para um crescimento de qualidade da nossa ação.

Na Região Itália, o P. Juan Vecchi participou do encontro nacional sobre a pastoral vocacional com uma conferência sobre "O cuidado pelas vocações, expressão de uma Pastoral juvenil autêntica". No

mês de outubro esteve presente à segunda Conferência nacional sobre a Escola que teve lugar em Sacrofano com a presença de Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora comprometidos no campo escolar.

Apresentou também uma relação sobre "A Pastoral salesiana na escola". Sobre os mesmos temas (vocações, escola) participou em seguida a encontros de animação em diferentes Inspetorias (Romana, Sícula, Adriática). Encontrou-se também com os coordenadores inspetoriais de Pastoral para esclarecer suas funções e melhorar a sua comunicação.

A primeira metade de novembro foi dedicada às Inspetorias da Índia. Em Tirupattur reuniram-se todas as equipes inspetoriais de Pastoral para rever a redação do 'Projeto educativo pastoral dos Salesianos da Índia'. Foi este o momento final de um processo de dois anos que viu sucessivamente as equipes inspetoriais de Pastoral e os Conselhos inspetoriais envolvidos no estudo da situação juvenil indiana, em um aprofundamento do nosso patrimônio pedagógico e em um discernimento das escolhas a serem feitas. O texto, depois da quarta revisão, será submetido para a aprovação dos Inspetores na próxima reunião de dezembro e servirá como quadro de referência para reflexões e iniciativas.

Em Bangalore reuniram-se aqueles que trabalham com os jovens marginalizados nas Inspetorias da Ásia, juntamente com alguns membros dos Conselhos inspetoriais. A finalidade do encontro era verificar o desenvolvimento destas iniciativas após o seminário de 1986 e, ao mesmo tempo, aprofundar a pedagogia que é aplicada nelas.

O Conselheiro para a Pastoral juvenil visitou depois a sede do

Centro Nacional de Animação e Formação Permanente, cujo término está previsto para o final de janeiro. Teve a oportunidade de rever os estatutos e as linhas de ação com os futuros responsáveis.

De 24 a 30 de novembro realizou-se em Viena o encontro das Inspetorias européias dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora para refletir sobre a "Pastoral Salesiana na Europa dos anos 90". Participaram 65 salesianos vindos de 35 Inspetorias ou Visitadorias e de dois centros nacionais de Pastoral juvenil. As FMA eram 56 e representavam outras 35 Inspetorias mais o Centro Internacional de Pastoral. O encontro tinha sido preparado pelos dois Dicastérios de Pastoral SDB e FMA. Previa indicações claras que assimilarão o início de uma maior comunicação e um trabalho mais coordenado entre as Inspetorias da Europa.

#### *O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação social*

As atividades do Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação social concentraram-se, neste período, na América Latina, África e em algumas Inspetorias européias.

Em primeiro lugar, em sua viagem latino-americana, encontrou-se com os Centros de Cooperadores Salesianos do Centro-América, especialmente do Guatemala. Depois esteve na Bolívia com um intenso programa para a atualização dos irmãos e dos diferentes grupos da Família Salesiana. De acordo com a programação anteriormente estabelecida, pôde reservar alguns encontros com os Cooperadores e Ex-alunos de Santa Cruz e de Montero. Outros dias foram dedicados a todos os funcionários e dependen-

tes das emissoras salesianas de rádio da região oriental do País; acrescentaram-se os dias de estudo sobre temas do setor junto com os formandos em Cochabamba e os Grupos da Família salesiana, Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Irmãs da Caridade de Miyazaki, Salesianas Oblatas e Filhas dos Sagrados Corações. Houve encontros com os Diretores, o Conselho inspetorial, com ex-alunos, as associações de Maria Auxiliadora e os fiéis das nossas paróquias.

Como nota conclusiva do trabalho feito na Bolívia, nota-se o progresso maravilhoso que assinalam obras e novas presenças salesianas, a atuação dos leigos na Família e uma maior incidência pastoral entre os jovens, os colaboradores e os fiéis.

Em Lima, no Peru, a visita foi dedicada quase exclusivamente ao encontro com os responsáveis salesianos da Comunicação social. Também aqui foi dedicado um tempo adequado aos jovens em formação em Magdalena del Mar e em Chosica.

Em Santiago do Chile, uma boa parte da visita concentrou-se sobre um programa de estudo e avaliação dos diferentes meios de Comunicação social com os quais trabalhamos em nossa missão. Conseguiu-se alcançar um bom nível de qualidade e de amplo serviço educativo pastoral através das emissoras de rádio, a editora, os audio-visuais e os textos escolares e de inspiração popular e evangelizadora. Aquela da comunicação social é uma das prioridades definidas naquela Inspeção.

De volta do Chile, nos primeiros dias de setembro, participou do "Simpósio sobre Dom Bosco e o mundo do trabalho", na Alemanha, Bonn e Berlim. Esta experiência de pastoral, educação e comunicação interessou uns trinta Bispos, Inspe-

tores e peritos salesianos. Organizado pela fundação Konrad Adeneuer e pela Procuradoria salesiana de Bonn, com a colaboração deste Dicasterio salesiano, o simpósio estimulou um fecundo diálogo entre pastores e operadores de educação e de comunicação, que revelou a realidade dos jovens da América e a sua necessidade de formação e de evangelização no atual desenvolvimento social e eclesial.

Sempre no mês de outubro, participou na Espanha em Madri, do primeiro congresso dos Delegados para os Ex-alunos salesianos e das Delegadas para as Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora: experiência muito boa como primeiro esforço de comunhão entre os dois Institutos e os seus Ex-alunos/as na aplicação das conclusões do seu primeiro congresso como fruto do ano centenário.

No mesmo mês participou de um congresso formativo para os Cooperadores do Piemonte, realizado no Colle Don Bosco.

A partir da segunda metade de outubro, o Conselheiro inicia visitas programadas nalguns países da África ocidental e central: Senegal, Costa do Marfim, Nigéria e Zaire.

Em Abidjan, com o Delegado central para os Cooperadores, preside um primeiro encontro com os responsáveis da animação dos grupos da Família salesiana naquela região: participam irmãos e Filhas Irmãs da Caridade de Miyazaki, de Maria Auxiliadora vindos da Guiné, do Togo, da Costa do Marfim, do Mali. Foi traçado um primeiro plano de trabalho especialmente para promover a formação dos Cooperadores e a sua organização de base.

No Zaire, depois do dia promovido por todos os grupos da Família Salesiana seguiu-se um encontro

formativo para os Cooperadores; a visita continuou com os encontros com grupos de Ex-alunos e com centros de Cooperadores particularmente interessados na promoção agrícola, nos centros juvenis e na assistência aos jovens presos. O trabalho destes leigos apresenta-se com uma certa qualidade apostólica e um verdadeiro enriquecimento da sua identidade salesiana. A mesma experiência, de alguma maneira, repetiu-se em Kinshasa.

De volta à Itália, o P. Cuevas continuou a se ocupar da animação da Confederação mundial dos Ex-alunos e teve encontros com os Delegados inspetoriais da Itália que animam a Comunicação social.

No dia 13 esteve em Turim para a Comemoração do primeiro aniversário de morte do P. Francisco Meotto; além da missa de sufrágio desejou-se honrar o P. Meotto com a inauguração de uma biblioteca pública, a ele dedicada, doação das editoras católicas da Itália, e com o início de uma nova programação editorial da SEI. Além disso, não faltou a visita à LDC e ao centro de imprensa multi-media de Valdocco.

Os últimos dias de novembro foram dedicados a uma visita de informação e avaliação do trabalho realizado no "Centro Multi-mídia" de New-Rochelle nos EUA. Nessa ocasião manteve contato também com alguns centros universitários de Comunicação social dos EUA.

De volta a Roma, participou a um congresso formativo dos dirigentes dos Ex-alunos da Itália em que foi aprofundado o tema do Capítulo Geral dos Salesianos na dimensão laical e secular.

#### *O Conselheiro para as Missões*

Durante o mês de agosto e na primeira metade de setembro o Conselheiro para as Missões, P. Luc

Van Looy, esteve na África. De 7 a 14 de agosto visitou as comunidades da Tanzânia e de Nairobi. Em Dodoma (Tanzânia) inaugurou os locais do novo pré-noviciado ("Salesian Seminary"). Em Mafinga foram apresentados os primeiros dois livros sobre Dom Bosco em língua Swahili, publicados na Tanzânia.

De 14 a 20 de agosto pregou os exercícios espirituais em Ruanda para Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. De 23 a 30 do mesmo mês pregou os Exercícios em Sikasso (Mali) para os SDB e FMA do Mali, Costa do Marfim, Senegal e Guiné.

Depois da África, visitou durante alguns dias casas da Bélgica, Holanda e Alemanha-Norte.

Novamente na Itália, de 26 de setembro a 1.º de outubro presidiu uma reunião de novos missionários em Turim e ajudou o Reitor-Mor na entrega do Crucifixo, na basílica de Maria Auxiliadora, a 11 Salesianos, 3 Filhas de Maria Auxiliadora e uma VDB. Com os missionários participou do encontro "HARAM-BEE" para os voluntários leigos de volta da África e do Brasil.

De 11 a 24 de outubro o P. Van Looy teve a possibilidade de visitar uma região "difícil" do Ariari na Colômbia. Visitou também a única obra salesiana do Chocó, em Condoto, conhecendo assim estas terras "africanas" da América.

Depois de ter passado alguns dias em Roma, viajou para a Índia, onde visitou antes algumas obras do Kerala e da cidade de Bangalore para depois dirigir-se para Bandel (Calcutá) e presidir uma reunião de estudo de duas semanas com 30 missionários vindos das diferentes Inspetorias da Índia e do Sri Lanka. Os temas estudados foram os seguintes: Evangelização, Salesianidade missionária, Bíblia na evange-

lização, vocações em terras não-cristãs. Um interessante passeio levou todos os participantes na região tribal de Murshidabad, entre os Santhals.

No caminho de volta a Roma, visitou os Salesianos de Istambul, onde a única comunidade está trabalhando em quatro obras: escola turca, paróquia-catedral, oratório festivo e santuário de Nossa Senhora de Lourdes. Passando depois por Damasco, foi até Beirute e aqui visitou a obra salesiana em plena retomada com escola de 1.º e 2.º grau e grupos juvenis. Do Líbano voltou para a Síria e visitou, em uma semana, as obras de Alepo, com um oratório-centro juvenil muito frequentado, e Kamishly na Mesopotâmia onde o oratório-centro juvenil reúne ao redor de Dom Bosco todos os jovens da cidade, de qualquer religião ou rito para formar um bonito centro de inspiração salesiana.

No dia 2 de dezembro chegava a Roma.

#### *O Ecônomo geral*

Entre o 30 de agosto a 18 de dezembro o Ecônomo geral fez a visita canônica extraordinária na Inspeção Subalpina de Turim.

#### *O Conselheiro para a América Latina-Região Atlântico*

Alguns dias depois da conclusão da sessão plenária do Conselho, a 1.º de agosto o P. Carlos Techera chegava a Luanda, capital de Angola, para realizar a Visita extraordinária às quatro comunidades missionárias atualmente existentes naquele País. Terminada a bonita e rica experiência vivida com os irmãos missionários, voltava ao Brasil, para fazer a consulta para a nomeação do Novo Inspetor da Inspeção de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Terminadas estas tarefas, a 1.º de setembro podia iniciar a Visita extraordinária na Inspeção de Bahia Blanca, na Argentina. Durante a visita teve que cumprir outras tarefas: de fato, no mesmo mês de setembro presidiu a reunião da Conferência Inspeção de Prata, realizada na cidade de Córdoba, Argentina; no mês de outubro, em Belo Horizonte, presidiu também a reunião da Conferência Inspeção do Brasil. A 12 de outubro recebeu o Reitor-Mor, que chegava para pregar em Cachoeira do Campo os Exercícios espirituais aos Inspetores, Conselhos inspeção e Diretores do Brasil. Antes de iniciar os exercícios, em Belo Horizonte participou da bênção inaugural da nova sede do "Sistema Salesiano de Vídeo".

Terminada a estupenda experiência dos exercícios espirituais, o Regional acompanhou ainda o Reitor-Mor até Porto Alegre, participando da jornada inaugural do quinto Congresso da Família Salesiana sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco.

Novamente na Argentina, concluiu a Visita extraordinária a Bahia Blanca com a reunião dos Diretores, do Conselho inspeção e do Inspetor, depois de ter andado pela extensa terra patagônica sonhada e tanto querida a Dom Bosco.

No dia 10 de novembro chegava a Montevideo, onde fez a consulta para a nomeação do novo Inspetor da Inspeção do Uruguai.

Terminados os trabalhos estava de volta a Roma para participar da sessão plenária do Conselho geral.

#### *O Conselheiro para a América Latina-Região Pacífico-Caribe*

O Conselheiro regional para o Pacífico-Caribe utilizou este tempo,

de agosto a novembro, para realizar uma volta de animação em quase todas as Inspetorias da Região. Havia também determinados compromissos a serem cumpridos.

A primeira etapa foi a *Colômbia*. Aqui foi convocado o Conselho inspetorial, e foram examinados juntos alguns problemas de particular interesse, especialmente em relação às conclusões do Capítulo inspetorial, à casa de formação do Pós-noviado, aos trabalhos de restauração do templo dedicado ao Menino Jesus, no bairro 20 de Julho, de Bogotá. Enquanto encontrava-se na Colômbia, o Regional participou dos funerais do sacerdote salesiano P. Venceslau Fydecky, muito apreciado entre os irmãos pelo seu trabalho formativo e também pela comunidade cristã graças à obra de caridade entre os pobres e o exemplo de santidade.

Em seguida o Regional esteve no *Ecuador*, seguindo mais ou menos o mesmo esquema de trabalho, e tocando principalmente problemas em relação à formação e ao nosso envolvimento da consulta para a no-

Visitou depois o *Peru*, onde juntamente com o Conselho inspetorial foram estudadas as diferentes situações das nossas comunidades, da formação e da nossa missão no Vale Sagrado. Pode visitar as comunidades de Calca, Cuzco e Arequipa.

Os dias passados no *Chile* foram dedicados principalmente ao desenvolvimento da consulta para a nomeação do novo Inspetor: distribuindo o encontro com os irmãos nalgumas cidades, pôde entrar em contato com todos os Salesianos da Inspetoria.

Na *Bolívia*, após o encontro com o Inspetor e o seu Conselho, o Regional visitou as obras de Fátima, vendo todas as comunidades

formadoras. Rapidamente passou por várias cidades: visitou as obras de Alto, Cochabamba, Santa Cruz e Montero.

Depois de um intervalo de dois dias na Venezuela, novamente viajou com o Inspetor para o *México*. Aqui encontraram-se com o Regional todos os Inspetores da Região. Graças à preocupação dos irmãos do México, os exercícios espirituais puderam ser realizados num lugar muito bonito, chamado "Vale de Bravo": uma casa de espiritualidade dos Padres Carmelitas. Pregou os exercícios Dom Oscar Rodriguez, Secretário Geral do CELAM. Uma experiência inesquecível.

Terminados os exercícios, passou-se aos trabalhos da assembléa anual dos Inspetores. Acompanhados por Dom Oscar Rodriguez, foi examinado o documento "Mutuae Relationes": anos depois de sua publicação. Um tema interessante para nós salesianos, visto que temos em grande parte da América Latina um grande volume de atividades pastorais nas diferentes Igrejas particulares.

No mês de novembro, foi feita a consulta para a nomeação do Inspetor da Inspetoria da Venezuela, visitando quase todas as casas com exceção de San Cristóbal, da Guiana e daquelas do Vicariato de Porto Ayacucho. Durante este período chegou ao P. Ignácio Velasco a notícia de sua nomeação a Bispo do Vicariato Apostólico de Porto Ayacucho.

Depois de uma rápida visita à Inspetoria das Antilhas, o Regional voltou a Roma.

#### *O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa*

Desde o final do mês de agosto até o final de novembro o P. Martinho McPake realizou a Visita

extraordinária à Inspetoria Novarese-Helvética. Tinha a impressão de estar percorrendo as pegadas dos grandes Santos: de São Carlos Borromeu no Ticino, e no Piemonte de Dom Bosco, do P. Rua, do P. Rinaldi e outras grandes figuras da nossa Congregação; e à medida que fazia a visita pôde constatar como é duradouro o efeito da passagem dos Santos sobre a terra.

De fato em uma Inspetoria, que se assemelha em muito a certas Inspetorias nos países do bem-estar o Visitador ficou impressionado pela profundidade das raízes salesianas e, ao mesmo tempo, pelas forças que ainda estão ao nosso redor para enfrentar os problemas que hoje nos atormentam: viu, por exemplo, o afeto quase ilimitado dos leigos nas localidades onde passou Dom Bosco. Ficou feliz em ver como os nossos irmãos procuram aproveitar esta herança deixada pelo Fundador, estreitando os laços de amizade com os leigos, visando uma presença mais eficaz entre os jovens.

Notou a completeza do rosto salesiano que se descobre na Novarese-Helvética, pensando de maneira particular na variedade das obras: escolas, paróquias, oratórios-centros juvenis, centros de formação profissional, presença missionária, etc.; e depois ao redor de cada uma destas obras os diferentes grupos de ação apostólica salesiana que fazem parte da nossa Família: Cooperadores, Ex-alunos VDB, etc.

Se a falta de vocações preocupa, certas iniciativas animam à esperança, como por exemplo a abertura das comunidades aos jovens e aos leigos, ao ponto de tornar possível uma verdadeira partilha de vida na oração e nas experiências comuns do cotidiano. Dá força a esta esperança um aumento de in-

teresse pela vocação salesiana entre um discreto número de jovens.

Terminada a Visita após os encontros com os Diretores e com o Conselho inspetorial, o P. McPake voltou para Roma.

#### *O Conselheiro para a Região Asiática*

O Conselheiro regional para a Ásia, deixando Roma a 24 de julho, esteve antes em Bombaim para visitar o noviciado e o pós-noviciado, onde vivem 18 noviços e 32 pós-noviços, animados por um bom espírito salesiano. Sucessivamente viajou para Bangalore, para dar início à Visita canônica extraordinária a essa Inspetoria, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus: uma Inspetoria que em 1979, quando foi fundada, tinha 187 irmãos e hoje conta com 291, mais 24 noviços e 32 presenças salesianas.

A Visita iniciada a 29 de julho, prolongou-se até o dia 14 de novembro, com uma pausa de três semanas. Trata-se de uma Inspetoria muito vasta, que abraça, três estados do sul do sub-contidente indiano: Andhra Pradesh, Karnataka, e Kerala. É bonito ver a presença salesiana entre os pobres e os marginalizados e o zelo missionário. Impressiona a jovem idade da Inspetoria, como também o trabalho sacrificado e cheio de dedicação dos irmãos, que levam vida simples. A Visita encerrou-se com a bênção do Centro de Formação Permanente, que está localizado na periferia da cidade de Bangalore. O diretor do Centro, P. Chrys Saldanha, espera iniciar os cursos no próximo mês de janeiro.

Durante a Visita, o P. Panzkeham manteve alguns compromissos em nível regional. Antes de tudo nos dias 12-14 de setembro presidiu a Conferência dos Inspetores

salesianos da Índia, realizada em Bombaim, na casa inspetorial. A Conferência aprovou um documento para ajudar os formadores na delicada missão de formação dos pré-noviços e noviços; foram discutidos também alguns problemas das escolas técnicas e profissionais; falou-se de uma melhora do Boletim Salesiano, etc.

Nos dias 16-17 do mesmo mês realizou a reunião dos Inspectores do Extremo Oriente em Bangcoc, na casa inspetorial. Os Inspectores fizeram uma avaliação do seu serviço, trocaram idéias sobre a evangelização nos países budistas, etc. O Regional com os Inspectores visitou os campos de refugiados do Camboja, que se encontram na fronteira da Tailândia. Na verdade é consolador ver o otimismo e o espírito de iniciativa dos Salesianos da Tailândia; e o que possa fazer um grupo de ex-alunos comprometidos com os pobres numa situação de emergência. Constata-se como "o salesiano é chamado a ter o sentido da realidade e está atento aos sinais dos tempos..." (C. 19).

Depois de ter feito uma breve visita a algumas comunidades da Tailândia, o Regional esteve na Coreia (21 de setembro), no Japão (25 de setembro) e em Hong Kong (30 de setembro) onde participou da reunião do Conselho inspetorial.

De volta à Inspeção de Bangalore, a 4 de novembro retomou a Visita extraordinária, até o dia 14 do mesmo mês. No dia 15 viajou até Guwathi, para poder visitar duas comunidades, que durante a Visita extraordinária àquela Inspeção (fevereiro-maio de 1989) ficaram isoladas e inatingíveis, por motivos de ordem política.

No dia 27 de novembro o P. Tomás Panakezhm voltava para Roma.

### *O Conselheiro regional para a Europa e África Central*

Não incluindo as visitas, as atividades do Regional assumiram, nos meses passados, uma dupla finalidade: de um lado a nova situação em que se encontram os nossos irmãos do Leste Europeu; de outro a perspectiva da escolha de um número relativamente, grande de novos Inspectores na Região.

Com relação aos Países do Leste, o P. Domingos Britshu manteve repetidos contatos e encontros com os irmãos da Tchecoslováquia e da Hungria. Nos meses de julho e agosto o Regional pôde assistir pessoalmente à surpreendente evolução da situação política na Hungria e aos primeiros passos de uma Inspeção que renasce: reunião de irmãos dispersos, recuperação de casas requisitadas pelo estado, inscrição de três novos noviços...

O outro objetivo viu convergir as atividades do Regional, entre os meses de setembro a novembro, nos contatos com os irmãos visando a mudança de Inspectores em bem seis Inspeções. A ampla consulta, de acordo com o art. 102 das Constituições, concluir-se-á na metade de dezembro. Providenciar-se-á depois, em tempos mais oportunos, e considerando as exigências de cada uma das Inspeções, a escolha e a nomeação dos Inspectores da África Central, da Áustria, da Bélgica Norte e da Bélgica Sul, da Alemanha Norte e da Hungria.

### *O Conselheiro para a Região Ibérica*

Terminados os trabalhos do "plenum" do Conselho, o Regional Ibérico viajou para Portugal a fim de assistir à ordenação presbiterial de um irmão. Sucessivamente, na Espanha, visitou seus familiares e passou alguns dias de descanso.

A 16 de agosto em Mohernando, recebeu a profissão dos noviços da Inspeção de Madri. No final de agosto participou dos "Colóquios salesianos", que neste ano foram realizados em Fátima: ficou depois em Portugal até às primeiras profissões dos nove noviços, em Vila-rinho, a 8 de setembro. Nesse período, visitou rapidamente todas as casas salesianas portuguesas.

Novamente na Espanha, substituiu o Mestre dos noviços de Mohernando durante duas semanas, pregando os exercícios espirituais aos noviços.

Em seguida ficou em Madri, no Centro Catequético Salesiano, onde procurou organizar os trabalhos para o índice analítico das memórias Biográficas, edição espanhola. Depois animou alguns retiros, especialmente nas comunidades formadoras de Madri e de Burgos; esteve no Centro de Formação Permanente de Campello; participou do encontro dos Delegados e Delegadas para os Ex-alunos e as Ex-alunas, e finalmente presidiu a reunião anual da Conferência Inspeção Ibérica, em El Plantio, nos dias 9-10 de novembro.

No dia 15 voltava para Roma.

#### *O Conselheiro para a Itália e o Oriente Médio*

Durante o mês de agosto o P. Luís Bosoni deixou várias vezes a sede de Roma seja para algumas visitas a comunidades seja para compromissos de animação em nível nacional. Em particular, participou e animou a reunião anual dos novos diretores, realizada em Roma (final de julho — início de agosto); de 21 a 25 de agosto, depois, esteve presente ao Congresso nacional sobre as vocações, promovido pela CISI, ao qual participaram diretores e

responsáveis pela pastoral vocacional das Inspeções da Itália.

A 8 de setembro encontrava-se em Lanúvio para receber as primeiras profissões dos noviços de várias Inspeções da Itália e do Oriente Médio. Logo depois viajava para Mogliano Vêneto para dar início à Visita extraordinária na Inspeção "São Marcos" (Vêneto Leste), visita que o reteve durante os meses de setembro, outubro e novembro.

Deixou a Inspeção de Mogliano só para dois compromissos de caráter nacional: de 22 a 25 de outubro para participar de três dias de formação para SDB e FMA sobre "A pastoral salesiana na escola e na formação profissional" (Congresso organizado pela CISI e realizado em Sacrofano); e de 4 a 6 de novembro para presidir a reunião da Conferência Inspeção Italiana, que tratou os temas da marginalização, da formação sacerdotal e da pobreza e economia.

Mais uma vez no Vêneto, retomava a visita, mas infelizmente esperava-o uma parada forçada; na metade de novembro, enquanto visitava as Casas do Friuli (Údine antes, Pordenone depois), um sério inconveniente de saúde obrigava-o a interromper forçadamente a atividade. Os Irmãos da Inspeção estiveram a seu lado seja na internação seja na recuperação.

#### *O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia*

O P. Augusto Dzedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polónia, durante o período agosto-novembro de 1989, realizou algumas visitas de animação particularmente nas casas de formação da Polónia, teve diferentes encontros com os grupos da Família Salesiana e presidiu várias cerimônias, entre as quais a celebração da profissão perpétua

de 40 irmãos poloneses e numerosas primeiras profissões.

Reuniu e presidiu a Conferência das Inspetorias Salesianas, com a participação das FMA. Sucessivamente convocou e presidiu o Encontro nacional dos Diretores das Comunidades locais.

Neste período pôde por duas vezes estar na União Soviética, dedicando cinco semanas a realizar visitas de animação em alguns países da URSS. Em seguida reuniu novamente os Inspetores para lhes trazer uma relação das visitas realizadas e estudar junto com eles as possibilidades de aproximação e

ajuda aos irmãos e à Família Salesiana que encontram-se nalgumas presenças.

Sucessivamente esteve em Zâmbia, passando alguns dias em Roma. Durante o mês que ficou naquele País africano visitou todas as 10 presenças missionárias dos Salesianos e duas das FMA. Participou dos exercícios espirituais dos irmãos e inaugurou o "Projeto Lufubu". Manteve também colóquios com as autoridades eclesiásticas sobre o desenvolvimento das obras de Dom Bosco naquele País.

No final do mês de novembro voltou para Roma.

---

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

---

### 5.1. Novos Bispos Salesianos

Apresentamos alguns breves dados biográficos dos dois presbíteros salesianos promovidos à Ordem episcopal.

#### 1. *Dom Ignácio VELASCO, Vicário Apostólico de Porto Ayacucho*

O 'Osservatore Romano' do dia 15 de novembro de 1989 publicava a notícia que o salesiano P. Ignácio VELASCO fora eleito Bispo titular de Utimira e era-lhe confiado o cuidado pastoral como Vigário Apostólico de Porto Ayacucho, no Alto Orinoco.

O P. Ignácio Antônio Velasco, nascido em Acarigua na Venezuela a 17 de janeiro de 1929, professor na Sociedade Salesiana em 1945; fez os estudos filosóficos no PAS em Turim, recebendo a licenciatura em Filosofia, e sucessivamente comple-

tou os estudos teológicos, na Universidade Gregoriana em Roma com a licenciatura em Teologia. Foi ordenado sacerdote em Roma a 17/12/1955.

Na Venezuela foi logo chamado a encargos de responsabilidade; foi sucessivamente Diretor das casas de Valera (1964-67) e de Los Teques (1967-1970) e de 1972 a 1978 foi Inspetor. Depois de um outro período como Diretor no colégio Dom Bosco de Valência, eleito Delegado ao CG22, a 16 de abril de 1984 foi nomeado Conselheiro geral para a Região Pacífico-Caribe da América Meridional. Quando foi eleito Bispo estava desenvolvendo ativamente essa tarefa para o serviço e animação dos irmãos e das comunidades.

#### 2. *Dom Ignácio BEDINI, Arcebispo de Ispaham*

No dia 8 de dezembro de 1989, o 'Osservatore Romano' trazia a notícia da nomeação do P. Ignácio BEDINI, sacerdote salesiano, a Ar-

cebispo da Arquidiocese de Ispahan dos Latinos (Terã, Irã).

O P. Ignácio Bedini é italiano, pois nasceu em Prignano sulla Secchia (Módona) a 27 de junho de 1939. Frequentando o aspirantado de Chiari (Bréscia), sentiu o chamado à vida salesiana, e depois de ter feito o noviciado em Missaglia, fez sua primeira profissão a 6 de agosto de 1958.

Logo sentiu também a vocação para o serviço missionário e ainda jovem partiu para o Oriente Médio. Esteve inicialmente em El Houssoun,, no Líbano, mas depois foi destinado ao Irã, onde aprendeu a língua e desenvolveu grande parte do seu sucessivo apostolado.

Depois dos estudos teológicos, feitos em Cremisan, e depois de ter recebido a ordenação sacerdotal em Jerusalém (21/12/1968), voltou ao Irã para desenvolver o serviço educativo e pastoral, vivendo todos os acontecimentos dos últimos anos, não fáceis para a Igreja e a Congregação. Desde 1984 era Diretor e Pároco na nossa casa da Consolação em Terã.

## 5.2. Notícias sobre a preparação do CG23

Estamos quase às vésperas do Capítulo geral e a preparação do grande encontro comunitário torna-se mais imediata e viva, não só na-se mais imediata, e viva, não só na Casa geral, onde terá lugar a assembléia capitular, mas em toda a Congregação, que intensifica a oração para invocar a presença atava do Espírito.

No número anterior dos Atos do Conselho (cf ACG 331 n. 5.5) falou-se da formação da Comissão Pré-capitular e dos inícios de seus trabalhos, nos primeiros dias de se-

tembro, para preparar os instrumentos previstos pelos nossos regulamentos.

A comissão Pré-capitular trabalhou intensamente durante todo o mês de setembro até o dia 5 de outubro, e produziu um volume bastante rico, que reúne os "Esquemas" Pré-capitulares que servirão para as Comissões e a Assembléia capitular em sua reflexão e confronto comunitário.

Para redigir esses "Esquemas" a Comissão Pré-capitular utilizou especificamente o abundante material que chegou das Inspetorias (dos Capítulos inspetoriais e dos irmãos). Os "Esquemas" formam duas "partes" distintas:

- a *primeira parte* contém a assim chamada "*radiografia*", que é uma síntese oportunamente organizada e ordenada seguindo um esquema lógico, de todas as contribuições e propostas chegadas seja dos CI seja dos irmãos sobre o tema do CG23;
- a *segunda parte* contém o documento "*base de trabalho*" que a Comissão Pré-capitular apresenta aos capitulares, para a discussão em assembléia e para tirar as orientações operacionais para a Congregação. Este documento, redigido a partir da mesma "radiografia", procura focalizar os problemas emergentes, sobre os quais o Capítulo será chamado a refletir de maneira peculiar e a dar oportunas orientações.

Concluídos os trabalhos da Pré-capitular, no resto do mês de outubro e durante o mês de novembro foi feita a revisão, composição e impressão dos "Esquemas" que já estão saindo da tipografia.

Durante o mês de dezembro providenciou-se para mandar esses

“Esquemas” a cada um dos Capítulos; será mandada também alguma cópia às Inspetorias para que possam tê-los como documentação e utilizá-los para um conhecimento do pensamento da Congregação (especialmente nos centros de estudo e de reflexão pastoral).

Deve-se também assinalar que nos meses passados o Reitor-Mor, depois de ter ouvido a respeito o seu Conselho, como pede o art. 125 dos Regulamentos gerais, convidou alguns “observadores” salesianos ao Capítulo geral: São eles: o P. Augusto Dziedziel, Delegado do RM para a Polônia e os seguintes irmãos coadjutores: Sr. Cipriano Dusabeyezu (AFC), Sr. Fernando Martin (MEM), Sr. Nello Valeri (ING), sr. Pedro Vespa (IRO).

Restam agora, para os meses de janeiro e fevereiro, alguns trabalhos técnicos para o sucesso do Capítulo. Mas sobretudo, como lembrava-se acima, é importante intensificar a oração para que Deus nos acompanhe no desenvolvimento dos trabalhos.

O Capítulo geral iniciará no dia 4 de março, primeiro domingo de Quaresma, com os exercícios espirituais, que serão dirigidos pelo Bispo salesiano Dom Oscar Rodriguez.

### 5.3. Inauguração do INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL (ISCOS) na UPS. Palavras do Reitor-Mor

No dia 8 de dezembro de 1989, solenidade da Imaculada Conceição, na UPS, foi inaugurado oficialmente o novo INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL (ISCOS). Como é de conhecimento público, foi projetado

pelo Reitor-Mor e pelo seu Conselho, junto com a Universidade Salesiana, durante o ano centenário como expressão do compromisso da Congregação no campo da comunicação social, seguindo as pegadas de Dom Bosco, e que foi depois aprovado pela Congregação para a Educação Católica.

A inauguração oficial deu-se no salão nobre “Paulo VI” da Universidade, com a presença do Reitor-Mor, Grão Chanceler da mesma Universidade, de autoridades acadêmicas, de alguns membros do Conselho geral salesiano e das FMA, de várias autoridades eclesiais — entre as quais o card. Antônio Javierre Ortas e representantes da Congregação da Educação Católica e da CEI — e civis, e de numerosos estudantes, amigos e peritos no setor da comunicação.

Depois da saudação do Reitor do ISCOS, prof. Roberto Giannatelli, o Reitor-Mor fez o discurso inaugural. Durante a cerimônia houve também a entrega do prêmio para a TV S. Clara de Assis ao programa “TG1 sete” e a instituição do prêmio “Inter Mirífica”.

Apresentamos aqui na íntegra o discurso do Reitor-Mor.

“Sinto-me honrado neste dia marcado pela memória dos inícios da Obra juvenil e popular de S. João Bosco (é do longínquo 8 de dezembro de 1841), saudar as autoridades aqui presentes, os participantes ao Encontro de estudos sobre “Mass-media e Religião”, os professores, os estudantes da UPS, os benfeitores e todos os amigos desta Universidade.

Este dia, solenidade da Imaculada Conceição de Maria — 8 de dezembro de 1989 —, marca o que podemos chamar o ato oficial do nascimento do “Instituto de Ciências da comunicação social” (ISCOS) na Universidade Salesiana.

É o fruto significativo das celebrações do primeiro centenário da morte de Dom Bosco (31 de janeiro de 1888). Na memória do Fundador, seguindo sua dinamicidade, e na fidelidade ao seu projeto apostólico, a Sociedade Salesiana, através do Reitor-Mor com o seu Conselho, quis a criação deste Instituto.

A Congregação para a Educação Católica, considerando a seriedade da proposta e com um ato de confiança na Família espiritual que continua a missão do Santo, teve a bondade de "aprovar" o novo Instituto como instituição acadêmica habilitada a entregar diplomas de segundo e terceiro ciclo na especialização das ciências da comunicação social (cf Carta do card. Willim Braum de 17 de dezembro de 1988 ao Grão Chanceler da UPS).

Permitam-se oferecer, numa breve síntese, alguns motivos inspiradores desta iniciativa.

O primeiro forte motivo inspirador é a exigência da *Nova Evangelização lançada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II*. A pastoral exige hoje novidade de diálogo, novidade de método, novidade de linguagem, e a Família Salesiana de Dom Bosco, que em sua ação privilegiada a dimensão pedagógica, sente fortemente sua urgência. Depois do Concílio vieram se desenvolvendo seja um "magistério eclesial" seja uma renovada "teologia" da comunicação social, que pedem uma exigente revisão das atividades de evangelização.

Mais do que o Decreto conciliar "Inter mirifica", também se tanto significativo, a verdadeira luz da renovação emanadas quatro grandes Constituições do Vaticano II, especialmente da "Lumen gentium" e da "Gaudium et spes".

Aprofundou-se o mistério de Cristo, Verbo encarnado, como auto-

comunicação de Deus ao homem; Ele insere-se como fermento de salvação no devir da história e no desenvolvimento das culturas. O homem é o parceiro do diálogo, e Cristo é a Palavra viva de Deus, sempre atual e incisiva, dirigida a ele no tempo e no espaço.

Na minha visão, dois sobretudo são os estímulos de mudança que podemos perceber nas orientações conciliares.

O primeiro aspecto gerador de mudança é, sem dúvida, a afirmação do *relacionamento de diálogo da Igreja com o mundo*. Isto favoreceu o desenvolvimento de uma teologia da criação que aprofunda a natureza da laicidade valorizando, sem instrumentalizar, os conteúdos próprios das realidades temporais (portanto da natureza específica dos meios de comunicação social) e apresentando a Igreja como perita em humanidade e servidora dos homens, exatamente em seu diálogo com eles.

Se a isto se acrescenta que o Povo de Deus é chamado a viver no século como "sacramento" de salvação, será necessário que também a sua atividade evangelizadora se revista de um modelo, digamos assim, "sacramental". feito não só de palavras, mas também de pessoas, de acontecimentos, de fantasia que se adapta, de inteligência pedagógica, de modalidades comunicativas que sejam significativas na modernidade. "Em todos os caminhos do mundo — afirma a Exortação apostólica 'Christifideles laici' —, também nos principais da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão e do teatro, deve anunciar-se o Evangelho que salva" (ChL 44).

Outro aspecto gerador de mudança que percebemos nas orientações conciliares é a *eclesiologia da "comunhão"*; é a idéia central do aprofundamento do mistério da

Igreja. Pede, pois, uma nova modalidade de diálogo “dentro” e “fora”.

Um dos canais para intensificar a “comunhão” é exatamente a “comunicação”. Por isso o mundo dos mass-media representa uma fronteira importante da “nova evangelização”.

O Concílio, pois, relançou no contexto da comunhão, a vocação e a missão do laicado; particular significado teve neste contexto, o decreto “Apostolicam actuositatem”. A recente Exortação apostólica, lembrada pouco antes, fala que “...Em particular a responsabilidade profissional dos fiéis leigos neste campo, exercida, tanto a título pessoal como através de iniciativas e instituições comunitárias, deve ser reconhecida em todo o seu valor e apoiada com mais adequados recursos materiais, intelectuais e pastorais” (ChL 44). Se toda a Igreja tem uma “dimensão, secular”, os fiéis leigos poderão promover os aspectos concretos com a tua específica “indole secular”, particularmente, no mundo dos mass média.

E isto, na Família Salesiana, é percebido como aspecto a ser incrementado hoje, segundo o critério de modernidade do Fundador.

— Um outro motivo inspirador é o da *cultura emergente*; ela está caracterizando os inícios de uma nova época histórica (cf GS 4).

Mas aqui o discurso assume proporções muito vastas.

Para nós é suficiente lembrar que um dos dinamismos que impulsionam as atuais mudanças culturais é o progresso científico-tecnológico: traz consigo uma poderosa energia de evolução, impregnada infelizmente de propostas antropocêntricas de tipo pós-religioso. As ciências fenomenológicas, de fato, e a técnica não explicam o significado

último da existência nem os grandes objetivos do homem. Como lemos na “*Gaudium et spes*”: “o diálogo fraterno entre os homens se aperfeiçoa, não neste progresso, porém mais profundamente na comunidade de pessoas, que exige uma reverência mútua para com sua plena dignidade espiritual” (GS 23). O processo de secularização, na cultura emergente, está associado a um secularismo que insinuaria a superação da fé.

Se nós olharmos com objetividade a atual evolução social devemos constatar que, enquanto se refere ao nosso tema, o setor das comunicações de massa está sendo ainda substancialmente estranho à atividade evangelizadora do Povo de Deus. No entanto, no decorrer dos séculos a Igreja soube incorporar novas formas de comunicação: pintura, escultura, arquitetura, literatura, teatro, imprensa, música, etc. Estas mediações de diálogo de massa entraram a fazer parte, conservando o valor próprio de sua peculiar natureza, da sua pedagogia pastoral. Por que não deverá Ela servir-se hoje dos sofisticados meios oferecidos pela nova tecnologia que influenciavam tanto na evolução da cultura?

Nós percebemos, por outro lado, como o Espírito do Senhor suscitou na sua Igreja carismas exatamente neste campo, para uma pastoral de vanguarda na comunicação social. Será necessário criar na Igreja um modelo mais atualizado de comunicação do Evangelho com novos métodos e com uma nova linguagem.

Sabemos que a cultura, toda cultura, encontra-se necessariamente em “situação escatológica” ou seja permeada, de fato, com exigências pascais. Ela necessita não só de iluminação teológica sobre os valores autônomos da criação e da laicidade, mas também sobre aquelas a

ela próprios da cruz e da luta contra o mal. É Cristo que reequilibra a cultura quando é acolhido, colocando-a no eixo do "mundo que vem" e opondo-se às falsas miragens do "príncipe deste mundo" (cf Documento da Comissão Teológica Internacional. "Fé e inculturação", 1988, n. 28).

Justamente a Exortação apostólica sobre os fiéis leigos afirma: "No uso e na recepção dos instrumentos de comunicação, tornam-se urgentes tanto uma ação educativa em ordem ao sentido crítico, animado da paixão pela verdade, como uma ação de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos, com a recusa firme e corajosa, de toda forma de manipulação e de monopolização" (ChL 44).

Com razão, portanto, o Sínodo extraordinário dos Bispos depois de vinte anos do Concílio reconhece com realismo que "a relação entre a história humana e a história da salvação, deve ser explicada à luz do mistério pascal. Sem dúvida, a teologia da cruz não exclui de modo algum a teologia da criação e da encarnação, mas, como é óbvio, pressupõe-na. Quando nós, cristãos, falamos da cruz, não merecemos o apelativo de pessimistas, pois nos baseamos no realismo da esperança cristã" (RF II D, 2).

Desta visão realista se deduz que a obra da evangelização exige uma metodologia original de porte pascal, com a aceitação de valores, mas também com a purificação dos erros em uma sacrificada luta contra o mal. Isto influi também sobre as modalidades de comunicação social.

Será necessário, portanto, uma formação apropriada dos operadores e dos usuários; a sua integridade só pode ser projetada pela fé.

Ela exige, além da profissionalidade técnica, antes de mais nada uma visão filosófica que penetre a verdadeira essência das linguagens de comunicação para valorizá-las em si mesmas, como expressão da ordem da laicidade, e depois uma consideração teológica, pedagógica e pastoral em relação à identidade histórica do mistério da Encarnação na sua inseparabilidade daquela da redenção. Por isso a importância de se criar centros acadêmicos católicos para uma formação integral à comunicação social.

— Finalmente, O ISCOS encontra um terceiro motivo inspirador para existir e atuar o *projeto apostólico de S. João Bosco*. Não poucos escritos qualificados e estimulantes que por ocasião do Ano centenário apareceram como contribuição de diferentes estudiosos, focalizaram a relação de Dom Bosco com os novos tempos, que já iniciavam numa Turim que se aproximava da industrialização e que, sendo a capital do projeto político da Itália unida, fervia de utopias, enquanto enfrentava numerosos problemas sociais como os da marginalização das classes populares mais fracas, dos jovens em particular: portanto uma relação de Dom Bosco com a modernidade! A sua é uma modernidade na ordem da criatividade pastoral, fruto de realismo dinâmico, de esperança operativa e de amor aos últimos. "A obra de Dom Bosco — escreveu um historiador —, como a meu juízo aquela de João XXIII está fora do binômio ideológico "moderno — anti-moderno", que tão profundamente fez sofrer e dividiu o catolicismo europeu depois da revolução francesa. A sua é uma modernidade existencial e vital, isenta de conotações ideológicas; é uma capacidade de captar, nos acontecimentos, tudo aquilo que de positivo podem oferecer.

Mas exatamente porque vital e existencial é uma vigorosa modernidade" (P. Scoppola, "Don Bosco nella storia civile", discurso no teatro Régio de Turim, 31 de janeiro de 1988).

E um dos aspectos da "modernidade" de Dom Bosco é certamente o seu interesse pelo mundo da comunicação social, a sua atenta adesão, a sua "antecipação", as suas iniciativas nos vários campos, sobretudo no setor da imprensa.

Com razão pode-se afirmar, como escrevi aos meus Irmãos, que Dom Bosco foi o homem da comunicação social durante toda a sua laboriosa existência.

Ele soube ser *atento receptor*, desejoso de conhecer os acontecimentos, leitor inveterado, devorador de livros, memória prodigiosa.

Foi *bom comunicador*, desde criança, quando no contexto de uma cultura camponesa (camponesa, mas "cultura", também se suada e primordial) quis sintonizar-se com as exigências dos seus coetâneos. Depois utilizou o teatro, não tanto como expressão unicamente artística, quanto como ocasião de encontro dialógico, de comunicação e comunhão: assim que o seu "teatrinho" continua modelo para uma metodologia de comunhão.

"Foi depois *autor versátil*. O seu primeiro livro foi escrito aos 29 anos (...). Tornou-se logo um autor versátil no gêneros mais variados, do artigo de jornal ao livro, da biografia à história, da hagiografia ao teatro, da divulgação científica àquela religiosa e à apologetica, um gênero que na época estava na moda. A concreteness 'histórica' era uma dimensão por ele preferida; a sua habilidade de escritor foi aquela do 'narrador'" (E. Viganó, A comunicação social nos questiona, em ACG 1981, n. 302, p. 8).

A edição anastática das "obras editas" de Dom Bosco, aos cuidados dos professores desta Universidade compreende 38 alentados volumes e recolhe quase 1200 seus escritos!

Dom Bosco considerava a impressão e a difusão dos "bons livros" e das revistas como parte integrante da sua missão e da de seus filhos. Em uma carta circular aos Salesianos a 19 de março de 1885, afirmava: "A admirável difusão destes livros é um argumento para provar a assistência especial de Deus. Em menos de trinta anos somam quase vinte milhões os impressos ou volumes por nós difundidos entre o povo... (F. Ceria Lettere, vol. IV, p. 320). Papa Pio XI, quando jovem sacerdote teve a sorte de conhecer pessoalmente Dom Bosco e de admirar sua industriosa tipografia, notou que para o Santo "as obras de propaganda tipográfica e de livros foram mesmo as obras de sua predileção... o seu nobre orgulho. Ele mesmo nos dizia: 'nestas coisas Dom Bosco quer estar na vanguarda do progresso' e falávamos de obras de imprensa e de tipografia!" (Discurso de 20 de fevereiro de 1927 por ocasião do decreto sobre a 'heroicidade das virtudes', MB 19, 81).

Um artigo constitucional por ele redigido fazia disto um compromisso e um ponto programático para os membros da sua Congregação. E hoje, no texto renovado da Regra salesiana aprovado pela Sé Apostólica a 25 de novembro de 1984 — Solenidade de Cristo Rei —, lê-se: "Trabalhamos no setor da comunicação social. É um campo significativo de ação, que está entre as prioridades apostólicas da missão salesiana.

O nosso Fundador intuiu o valor dessa escola de massa, que cria

cultura e difunde modelos de vida e lançou-se a empresas originais apostólicas para defender e sustentar a fé do povo.

Seguindo-lhe o exemplo, valorizamos como dons de Deus as grandes possibilidades que a comunicação social nos oferece para a educação e a evangelização” (Cont. 43).

Toda a Família Salesiana, na fidelidade ao Fundador, reconhece a comunidade social como autêntica escola do povo que pode “criar cultura e difundir modelos de vida”, cuidando além da imprensa, o vasto mundo dos mass-media: rádio, TV, vídeo, música, teatro, etc.

As duas componentes “juvenil” e “popular”, da missão de Dom Bosco encontram-se hoje mais do que antes no árduo terreno, também se exaltante, da comunicação social.

Eis portanto o que por deste ISCOS. Os desafios dos tempos e as mudanças eclesiais questionam particularmente aqueles centros onde se elabora a cultura, onde busca-se antecipar as metas do progresso humano e nos esforçamos para preparar personalidades autênticas, capazes de interpretar e de assumir as novas tarefas da história, isto é as Universidades na primeira linha.

Portanto, seguindo estas reflexões, parece-nos um dever acolher o convite formulado pela Congregação para a Educação Católica na “Orientação” de 19 de março de 1986, para promover Centros de estudos superiores para a formação especializada de “quantos se preparam ao jornalismo ativo e a trabalhar no cinema, no rádio e nas televisões... , aqueles que se preparam ao ensino destas disciplinas, ou à direção e colaboração nos Setores, diocesanos e nacionais, dos instrumentos da comunicação so-

cial” (Congregação para a Educação Católica, “Orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre a utilização dos instrumentos de comunicação social”, Roma, 1986, n. 27).

Estamos convencidos de que, através da criação do ISCOS — que se une a outras instituições católicas já beneméritas ou iniciantes —, estamos dando um passo importante, também se humilde para a evangelização e educação dos jovens e do povo: ajudar e fazer crescer a capacidade de comunicar com a modernidade, de dialogar eficazmente, com o homem de hoje.

Queremos contribuir ao estudo das linguagens dos menos de comunicação social, para difundir uma atualizada mentalidade de comunicação nos vários níveis eclesiais seja entre os responsáveis da ação pastoral seja entre os componentes da comunidade eclesial.

O ISCOS inicia hoje oficialmente a sua caminhada. Somos gratos à Congregação para a Educação Católica por ter-nos dado o apoio e a confiança necessários para realizá-lo.

Temos consciência de estarmos dando os primeiros passos, de que é preciso crescer, de termos necessidade não só de confiança, mas também de colaboração, em particular, de todos aqueles que hoje nos honram com suas presenças, as Autoridades da Congregação para a Educação Católica, as Universidades Pontifícias Romanas, os estudiosos e os profissionais da comunicação social, os professores como também os estudantes. Sentimo-nos Igreja viva na viagem fascinante que Ela iniciou no limiar do terceiro milênio.

A todos o agradecimento meu pessoal e desta Universidade.

Obrigado!

## 5.4. Irmãos falecidos

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão." (Cont. 94).

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P BARLASCINI Benedetto	Ananindeua (Pará)	18-12-89	57 BMA
P BAVALONE Michel	Shiloong	11-10-89	67 ING
P BERRETTA Giovanni	Catânia	17-09-89	78 ISI
P BOSTNER Jakop	Skocjan	11-11-89	41 JUL
P CASTIGLIONI Alberto	Beppu (Oita)	18-12-89	76 GIA
P COLLO Marco	Torino	26-11-89	57 ISU
P CORBETTA Luigi	Milano	16-11-89	71 ILE
P CROMME Teodoro	Manaus	09-10-89	83 BMA
P DAVIS George	Nottingham	02-12-89	86 GBR
P de CARVALHO Antônio José	Recife	12-11-89	65 BRE
Foi Inspetor por 6 anos			
P GAIDYS Martinho	Campinas	10-11-89	80 BSP
L GHIETTI Silvio	Torino	11-11-89	73 ISU
P GIRARDI Anacleto	Niterói	02-08-89	77 BBH
P HAWTHORN Edouard	La Navarre	22-11-89	83 FLY
P KRAMMER Jozsef	Helvécia	07-10-89	66 UNG
L LAZARO Adán	Bahía Blanca	29-09-89	88 ABB
P MADONIA Francesco	San Cataldo	18-10-89	82 ISI
P MATOS Ismael	Porto	28-10-89	76 POR
P MEZZOLI Mario	Bologna	12-12-89	76 ILE
P MOAL André	Ouistreham	16-10-89	58 FPA
P MOLLER Leo	Marienhausem	15-11-89	77 GEK
P MONCKEBERG Barros Guillermo	Santiago de Chile	23-10-89	74 CIL
P NEGRI Alberto	San Francisco	02-12-89	71 SUO
P OLDANI Giuseppe	La Spezia	20-11-89	81 ILT
Foi Inspetor por 12 anos			
P O'MARA Kevin	Engadine (Austrália)	09-12-89	62 AUL
L PARODI Wilfredo	Buenos Aires	06-11-89	77 ABA
P SANTONJA Sylvestre	La Crau	10-10-89	82 FPA
P SOUKUP Jaroslao	Lima	14-11-89	87 PER
P TOMÉ Bartolomeo	Lugano (Svizzera)	07-12-89	83 INE
Foi Inspetor por 12 anos			
L VICINI Giuseppe	Cumbayá	10-10-89	85 ECU
P VIDONDO OSES Angel	Barcelona	25-10-89	58 SBA
L VIGNAGA Ferdinando	Bívio di Cumiana	16-11-89	81 ICE
P VINCENZI Renzo	Mogliano Veneto	04-12-89	43 MOR
L VOLTAZZA Sante	Ouix	02-11-89	78 ICE
P ZUCCARELLO Angelo	Buenos Aires	11-11-89	45 ABA